

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO (FACED)  
CURSO DE JORNALISMO

ANDREI GOBBO

**AFETOS DO FUTEBOL NA NARRAÇÃO RADIOFÔNICA: análise sobre a dimensão comunicacional do afeto na transmissão do jogo Oeste x São Bento**

UBERLÂNDIA  
2023

ANDREI GOBBO

**AFETOS DO FUTEBOL NA NARRAÇÃO RADIOFÔNICA: análise sobre a dimensão comunicacional do afeto na transmissão do jogo Oeste x São Bento**

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

Orientação: Prof. Dr. João Damasio da Silva Neto.

UBERLÂNDIA

2023

ANDREI GOBBO

**AFETOS DO FUTEBOL NA NARRAÇÃO RADIOFÔNICA: análise sobre a dimensão comunicacional do afeto na transmissão do jogo Oeste x São Bento**

Monografia aprovada para obtenção do título de bacharel em Jornalismo no Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), pela banca examinadora formada por:

Uberlândia, 22 de junho de 2023.

---

João Damasio da Silva Neto – UFU  
Orientador

---

Pedro Vasconcelos Costa e Silva – UNISINOS  
Examinador

---

Christiane Pitanga Serafim da Silva – UFU  
Examinadora

Aos meus amigos e professores, que me apoiaram em uma vida de estudos e aventuras.

À minha mãe, de quem eu aprendi a ter um coração de ouro.

E ao meu pai, que me ensinou a amar o Futebol e o São Bento de forma tão intensa.

## AGRADECIMENTOS

No primeiro momento, agradeço à minha mãe, Ivone Martins Mendes Gobbo, e ao meu pai, Sérgio Antonio Gobbo, por terem me apoiado em uma trajetória de estudos desde minha primeira infância, influenciando minha paixão por leitura e escrita desde meus primeiros anos alfabetizados até o término dessa graduação. Além do valor da educação acadêmica, fui ensinado ao longo de toda a minha vida aos valores da bondade, da caridade, da empatia, da honestidade e da educação do dia a dia.

Agradeço a minha mãe, professora de formação e de vocação, que ensinou centenas de pessoas ao longo de sua carreira, lecionando sobre a história do mundo, mas também me ensinou muito sobre a vida, a história do mundo, sobre o valor da leitura e sobre tais valores que formaram a pessoa que sou hoje e continuarei sendo.

Agradeço ao meu pai, que além dos valores que me ensinou, também fez a paixão por esportes e o futebol serem passados para mim, seja acompanhando jogos de modalidades aleatórias, mas, principalmente, ao ter me ensinado a imensa paixão e emoção por um clube que, mesmo com suas instabilidades, eu não poderia viver sem a sua existência, fazendo o campo de futebol e o Estádio Municipal Walter Ribeiro uma segunda casa, talvez um templo em que todos confraternizamos.

Agradeço aos meus amigos, sejam os que já perdi contato, os que possam estar um pouco afastados pela vida corrida, ou os que se mantêm ao meu lado. Todos eles, em suas diversas maneiras, me apoiaram em minhas pequenas aventuras e minhas ideias em seguir os meus sonhos e meus projetos.

Aos meus professores, desde o Jardim, passando pelo Fundamental I, II e Ensino Médio e chegando nos docentes da faculdade, que me ensinaram os conteúdos acadêmicos essenciais para uma formação completa não apenas como bacharel, mas como indivíduo questionador, curioso e de visão de mundo ampla.

Em especial, devo agradecer ao meu orientador da monografia, João Damasio Neto, por ter aceitado o desafio de me orientar com um tema fora do comum, mas que resultou nessa pesquisa que acredito ter enriquecido tanto o debate sobre o tema, quanto a minha formação como estudante de jornalismo e como futuro jornalista.

Por fim, agradeço ao time que é minha paixão mais forte e o tema dessa pesquisa que é o Esporte Clube São Bento. O meu afeto com o clube é imensurável, herdado de uma linhagem familiar de torcedores que acompanham o clube desde seus primeiros anos, e que, nos momentos de glória e de dificuldades, não deixaram ou deixarão de apoiar o clube. O estádio vira sua casa e

seu templo, os desconhecidos viram camaradas de arquibancada, o narrador da rádio local vira o melhor narrador, uma camisa velha vira o seu manto sagrado, o time vira a sua religião. Se o São Bento perde, o meu dia é acabado. Se ganha, uma alegria imensa toma o meu corpo. Se subir, me emocionarei. Se cair, me deprimirei. Já chorei, já fiquei furioso, já me deixou nervoso e ansioso, mas já me deixou alegre, confiante, esperançoso, apaixonado. Já cantei, já abracei, já vibrei, já gritei, já xinguei (e não pouco), já exagerei. Enfrentei chuvas, tempestades, sóis intensos, calor insuportável e frio inigualável para te ver. Prefiro acompanhar na arquibancada do estádio de Sorocaba, que é a sua casa por usucapião, mas, seja em uma cidade no interior de Minas Gerais ou em qualquer canto do globo, não importa onde esteja e como, sempre estarei contigo. Nas canções, no seu emblema, nos seus símbolos e no seu hino (o mais belo de todos), a paixão de uma torcida inteira, composta de amigos e familiares é demonstrada. Um clube centenário, com 109 anos de história, e que reflete uma frase estampada em bandeirões: Tradição não se compra.

“Salve a chama sempre viva,  
Que inspira minha lira,  
De torcedor.  
Salve o afã beneditino,  
Nossa história,  
Mais um hino,  
Meu imenso amor.”

Trecho do Hino do São Bento, Ulderico Amêndola

GOBBO, Andrei. **Afetos do Futebol na Narração Radiofônica**: Análise sobre a dimensão comunicacional do afeto na transmissão do jogo Oeste x São Bento. 74 p. Monografia (Graduação em Jornalismo). Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2023.

## RESUMO

A monografia tem como premissa a relação intrínseca entre a torcida local, a instituição de um clube, incluso a equipe de campo, e a imprensa, que inclui os veículos em vários formatos, na construção do afeto em redor à narração de um episódio marcante na história de um time de futebol do interior do Brasil – a ascensão do Esporte Clube São Bento à série A1 no Campeonato Paulista de 2023. A partir da transmissão radiofônica da Cruzeiro FM de Sorocaba sobre a partida entre Oeste e São Bento, válida pelo segundo jogo da semifinal do Campeonato Paulista da Série A2 de 2022, esta pesquisa trata da dimensão comunicacional dos afetos do futebol na narração do jogo e na realidade do futebol interiorano. Primeiro, são acionados conceitos relativos ao futebol (TOLEDO, 2000) e à narração esportiva (GUIMARÃES, 2020), que inspiraram a elaboração de uma “tríade” torcida-clube-imprensa como forma de articular os afetos do futebol, pois ficou perceptível como cada um desses elementos afeta o outro de forma não linear. Depois, este trabalho articula diferentes teorizações sobre a relação entre comunicação e afeto, desde as estratégias sensíveis (SODRÉ, 2006) mobilizadas pela mídia para afetar o público, passando pelos processos interacionais (BRAGA, 2011) envolvidos na construção social do afeto até as mudanças subjetivas (MARCONDES FILHO, 2012) das pessoas que estão nessa relação. Relacionando tanto aspectos culturais, quanto a experiência pessoal do autor, a análise empreendida começa pela contextualização do campeonato para então abordar cinco momentos selecionados: o gol do Oeste, o gol perdido do Oeste, o gol do São Bento, a disputa de pênaltis e a comemoração do acesso do São Bento. Os momentos são analisados de três formas: a descrição visual do momento, a materialidade cultural da narração radiofônica e o relato metapórico do momento no estádio. A partir da análise desses momentos, são construídas categorias afetivas, que evidenciam como a dimensão comunicacional do afeto em uma narração radiofônica vai muito além da emoção individual e passa por questões que atravessam culturalmente o narrar, tais como os signos da emoção, diferentes níveis de confiança no jogo, reações abruptas do narrador, da torcida e dos agentes do clube, remições a outros momentos do futebol, dinâmicas de tradição e memória, atravessamentos de múltiplas tecnicidades e o reconhecimento de ídolos, que chamamos de “panteasização”.

**Palavras-chave:** Esporte Clube São Bento. Afeto. Narração esportiva. Futebol local.

GOBBO, Andrei. **Afetos do Futebol na Narração Radiofônica**: Análise sobre a dimensão comunicacional do afeto na transmissão do jogo Oeste x São Bento. 74 p. Monografia (Graduação em Jornalismo). Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2023.

### ABSTRACT

The premise of this monograph is the intrinsic relationship between the local fans, the institution of a club, including the team on the field, and the media, which encompasses various forms of communication, in the construction of affection around the narration of a significant episode in the history of a football team from the interior of Brazil - the rise of Esporte Clube São Bento to the A1 series in the Paulista Championship in 2023. Based on the radio broadcast by Cruzeiro FM from Sorocaba about the match between Oeste and São Bento, valid for the second leg of the semi-finals of the 2022 Paulista Championship Serie A2, this research explores the communicational dimension of football affections in the game narration and the reality of football in the interior. First, concepts related to football (TOLEDO, 2000) and sports narration (GUIMARÃES, 2020) are employed, inspiring the development of a "triad" of fans-club-media as a way to articulate the affections of football, as it became evident how each of these elements affects the other in a nonlinear manner. This work then articulates different theorizations about the relationship between communication and affection, from the sensitive strategies (SODRÉ, 2006) mobilized by the media to affect the audience, to the interactional processes (BRAGA, 2011) involved in the social construction of affection, and the subjective changes (MARCONDES FILHO, 2012) in the people who are part of this relationship. Relating both cultural aspects and the author's personal experience, the analysis begins with the contextualization of the championship and then addresses five selected moments: Oeste's goal, Oeste's missed goal, São Bento's goal, the penalty shootout, and the celebration of São Bento's promotion. These moments are analyzed in three ways: the visual description of the moment, the cultural materiality of the radio narration, and the metaphorical account of the moment in the stadium. From the analysis of these moments, affective categories are constructed, which highlight how the communicational dimension of affect in a radio narrative goes far beyond individual emotion and encompasses issues that cross-culturally affect storytelling, such as signs of emotion, different levels of trust in the game, abrupt reactions from the narrator, the fans, and the club's agents, references to other moments in football, dynamics of tradition and memory, intersections of multiple technicalities, and the recognition of idols, which we refer to as "pantheonization".

**Key-words:** Esporte Clube São Bento. Affection. Sports narration. Local Soccer.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Capa da edição extra de 23 de fevereiro de 1963 do Jornal Cruzeiro do Sul .....	16
Figura 2 – Modelo visual da tríade Clube-Torcida-Imprensa .....	20
Figura 3 – Bandeira da Bentão Chopp com a frase “Tradição não se compra” .....	35
Figura 4 – Gradiente de Confiança da Torcida.....	53
Figura 5 – Gradiente de Confiança do Clube e Moral.....	55

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>2 AFETOS DO FUTEBOL: CLUBES, IMPRENSA E TORCIDA.....</b>	<b>14</b>
2.1 Breve história do futebol e do jornalismo esportivo no Brasil .....	14
2.2 Narração esportiva e clubismo no interior.....	18
2.3 Triade Clube-Imprensa-Torcida.....	19
<b>3 A DIMENSÃO COMUNICACIONAL DO AFETO.....</b>	<b>23</b>
<b>4 OESTE X SÃO BENTO NA TRANSMISSÃO DA RÁDIO CRUZEIRO FM DE SOROCABA .....</b>	<b>30</b>
4.1 Contexto e História.....	31
4.2 A partida e os momentos-chave.....	35
4.2.1 1º Momento: Gol do Oeste .....	36
4.2.2 2º Momento: Gol perdido do Oeste.....	37
4.2.3 3º Momento: Gol do São Bento .....	39
4.2.4 4º Momento: Disputa de pênaltis.....	41
4.2.5 5º Momento: Comemoração do Acesso .....	49
4.3 Categorias comunicativas do afeto.....	50
4.3.1 Signos da emoção .....	50
4.3.2 Gradiente de confiança .....	53
4.3.3 Reações abruptas .....	56
4.3.4 Remição.....	56
4.3.5 Dinâmicas de tradição e memória.....	57
4.3.6 “Panteasização”.....	58
4.3.7 Tecnicidades.....	58
<b>5 COMPLEXIFICAÇÃO DA DIMENSÃO COMUNICACIONAL DO AFETO .....</b>	<b>60</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>64</b>
<b>APÊNDICE A – TRANSCRIÇÃO DA TRANSMISSÃO DA RÁDIO CRUZEIRO FM DOS MOMENTOS DA PARTIDA.....</b>	<b>66</b>
<b>ANEXO A – HINO DO ESPORTE CLUBE SÃO BENTO .....</b>	<b>73</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A trajetória de um time de futebol do interior do Brasil passa por sua torcida, sua equipe e pelos jornalistas locais que informam os torcedores sobre a partida do clube. No caso das rádios, a equipe da transmissão, composta comumente por um narrador, um repórter de campo e um comentarista esportivo, leva a emoção de uma partida de futebol para os torcedores dentro e fora dos estádios. Nesse contexto, são parte dessa prática desde o trabalhador que quer estar com o seu clube mesmo em seu expediente até a figura tradicional do torcedor do “radinho”, hoje atualizada para o fone de ouvido, que deseja ouvir as informações precisas do que está acontecendo em campo.

Um clube centenário demonstra ainda mais isso, com torcidas passando por gerações, de avô para pai, de pai para filho, criando a identidade de uma cidade que abraça o clube. Mais de cem anos de história também se reflete em conquistas, derrotas, com altos e baixos, todas envoltas em emoção. Junto dessa emoção, a rádio local não abandona o clube e os torcedores, que desejam ouvir mais, seja o jogo comum ou a mais importante decisão.

A ligação pessoal que o autor da presente pesquisa tem com o Esporte Clube São Bento também é de relevância marcante, já o clube é uma paixão desde a infância, em um contexto de legado familiar passado de pai para filho, que constrói um caminho genealógico baseado na cultura local de futebol e na paixão em frequentar os estádios vestindo a camisa alviceleste. Essa cultura se desdobra em ações como o pai que leva o filho para cantar junto de sua torcida que, apesar de pequena em número, é grandiosa em paixão e leva o clube em seu peito até o final dos tempos.

O Esporte Clube São Bento, time de Sorocaba, no interior de São Paulo, com 109 anos de idade, passou por mais uma partida decisiva no dia 09 de abril de 2022, contra o Oeste Futebol Clube, atualmente em Barueri, na região metropolitana da capital paulista. Depois de instabilidades nos anos anteriores, o time sorocabano estava em mais uma decisão para voltar para a elite do futebol paulista. Na transmissão do jogo, esteve presente a equipe da Cruzeiro FM, que acompanha os jogos da equipe alviceleste nos campeonatos.

Entre o gol do Oeste e a chance perdida do time de Barueri, o São Bento conseguiu empatar no final do jogo, aos cinco minutos do acréscimo do segundo tempo, levando a partida para a disputa de pênaltis. Na disputa, a estrela do goleiro beneditino Zé Carlos brilhou, com a defesa de três penalidades, o que garantiu a promoção para a Série A1 de 2023, com um placar de 3x2, para o São Bento. Ao escrever sobre esse momento ímpar, a emoção do autor, presente na torcida nessa partida, transparece, visto a paixão que possui pelo clube.

Quando tratamos das transmissões esportivas radiofônicas é necessário pontuar que essas atingem a dimensão comunicacional do afeto para o ouvinte por meio dos detalhes dos comentários, das informações do campo e, no enfoque da pesquisa, na narração da partida, com seus bordões e técnicas para estrategicamente sensibilizar o torcedor, o entusiasta de futebol e o ouvinte ocasional. A partir dos acontecimentos do jogo, a pesquisa busca expandir os horizontes do entendimento acadêmico sobre o tema de locução e transmissão esportiva radiofônica ligada ao afeto dentro da dimensão comunicacional, junto das temáticas jornalísticas envolvidas em uma transmissão, desde seus aspectos do repórter em campo, comentarista e, principalmente, a narração.

A monografia tem como um dos seus caminhos aprofundar e ampliar a bibliografia e a pesquisa sobre a narração esportiva na área do jornalismo, visto que há pouco material produzido sobre ela. Ademais, busca-se entender como as transmissões são feitas e de que maneira o afeto é presente na dimensão comunicacional. Tal pesquisa abre espaços de debate sobre como a narração esportiva e suas estratégias sensíveis podem afetar o público em locuções históricas, desde Senna até o pentacampeonato da Seleção Brasileira de Futebol Masculino.

A escolha dessa partida em específico aborda a questão de como uma partida de futebol pode despertar a emoção em situações de tensão e nervosismo, com o jogo levado a disputa de pênaltis nos acréscimos do segundo tempo, que afetam o sentimento de uma torcida, de uma rádio local e dos jogadores que representam a equipe para a mídia sonora. O autor dessa pesquisa estava na torcida nesse jogo em específico e lágrimas, cantos, agonia e felicidade foram alguns dos sentimentos sentidos na partida.

Além da personalidade, o São Bento possui 109 anos de história, construindo uma relação de proximidade e conexão com a cidade que reside, desde seu início como time amador, de uma região dos bairros da colônia espanhola em que o antigo estádio foi fundado, até a sua ascensão ao profissionalismo, em 1953. Essa história passa por momentos como a ascensão a primeira divisão do Campeonato Paulista, em 1962, divisão que ficou mais de 30 anos ininterruptos (BERNARDO, 2019). Apesar disso, o clube entrou em períodos de instabilidade a partir da década de 1990, com acessos e descensos seguidos, além de anos de prosperidade maior de 2013, seu centenário, até o final de 2018, e voltando ao incerto nos anos seguintes. Mesmo com esse contexto, sua torcida se mantém e se renova na cidade, mantendo fortes laços além da colônia, mas para toda a população sorocabana.

Ao analisar o ponto da narração esportiva e das transmissões por rádio, elas foram as pioneiras em levar a emoção dos estádios para os mais afastados locais, desde casas, trabalhos,

outras cidades, estados e regiões diferentes, além de trazer o afeto das torcidas pelos clubes diretamente para o ouvinte, que se sentia próximo ao seu clube do coração.

Apesar de lembrarmos de outras conquistas além dos clubes, como as conquistas da seleção brasileira nas Copas do Mundo, que unificaram o país em torno do desporto bretão, consideramos que devemos voltar ao âmago das rádios que são as transmissões locais de cidades do interior para o torcedor que não podia viajar para outras cidades ou até mesmo ir ao estádio na mesma cidade, que acompanhavam os times das cidades do interior paulista, como é o caso que analisaremos nessa pesquisa. Outrossim, **buscamos entender como a dimensão comunicacional do afeto é percebida em uma transmissão radiofônica de um jogo de futebol, a partir da análise das falas do narrador, do repórter e do restante da equipe da rádio.** Nessa parte, utilizamos a análise cultural como uma bússola para guiar a pesquisa, devido ao aspecto cultural inerente ao que é pesquisado, referenciando a construção de uma identidade local entre os torcedores, os jogadores, a diretoria e os veículos jornalísticos e a construção do que é afeto por uma série de autores.

No momento de análise, a pesquisa contextualiza do torneio a partida, para então destrinchar os cinco lances selecionados, por meio de três visões, sendo elas uma análise crua e detalhista dos lances, a análise e descrição da narração e de um ponto que segue a partir da construção metapórica<sup>1</sup>, com a descrição das memórias e sentimentos sentidos pelo autor. Depois de toda a exploração do material empírico, buscamos ainda sintetizar diferentes elementos que constituem o afeto e evidenciam como ele foi construído comunicacionalmente. E, por fim, antes da conclusão, retomamos nossa proposição de “tríade”, desenvolvida na pesquisa para compreender os afetos no futebol, presentes nos times por meio de três elementos: clube, torcida e imprensa.

Em síntese, a pesquisa tinha como ponto norteador **como o afeto foi comunicacionalmente construído na narração radiofônica da partida entre Oeste x São Bento.**

---

<sup>1</sup> Termo de Ciro Marcondes Filho, tratado no capítulo 3.

## **2 AFETOS DO FUTEBOL: CLUBES, IMPRENSA E TORCIDA**

O jogo entre Oeste e São Bento pela semifinal da Série A2 do Campeonato Paulista e sua transmissão pela rádio Cruzeiro FM de Sorocaba mobilizam uma série de fatores que esta pesquisa busca descrever e analisar. De início, resgataremos a história do futebol no Brasil e no seu interior, em especial o Interior Paulista, e a trajetória da transmissão esportiva no radiojornalismo brasileiro. Depois, ainda neste capítulo, propomos a ideia de uma tríade que nos ajudará a desenvolver um estudo que não se detenha apenas ao conteúdo da transmissão, mas que compreenda as relações culturais que participam na construção dos afetos do futebol, ainda que a partir de um único caso, como a partida que alçou o São Bento à primeira divisão estadual em 2022.

### **2.1 Breve história do futebol e do jornalismo esportivo no Brasil**

O futebol chegou oficialmente no Brasil em 1894, com o brasileiro filho de ingleses industriais Charles Miller, que trouxe da Europa as regras oficiais do esporte. Esse começou a ser praticado e tem como marco zero a partida em 14 de abril de 1895, entre a São Paulo Railway, time de Miller, e a Companhia de Gás, que resultou em 4 a 2 para a equipe da São Paulo (GUIMARÃES, 2020).

Desde então, a prática do futebol começou a se espalhar no país de forma orgânica, inicialmente entre as elites e depois para a população em geral, que adotou o futebol como esporte nacional e prática recorrente. O futebol tornou-se, no país, uma espécie de símbolo nacional, com a paixão dominando os sentidos dos torcedores que acompanham jogo a jogo e expressam a sua conexão com os clubes. De acordo com Toledo (2000, p. 38),

Os sentidos multiplicadores da paixão pelo futebol estão igualmente presentes no cotidiano torcedor, no burburinho das ruas, nos meandros e loci simbólicos de domínio da fala comum, se esgueirando e motivando qualquer assunto, transfigurados em outras esferas da vida social, expressando a polissemia e as várias dimensões do sentir e dos usos da emoção, externada por milhões de indivíduos pessoalizados em torcedores. Emoção que transcende os limites e conjunturas político-institucionais mais visíveis, bem como os discursos desencantados sobre o jogo.

Toledo (2000) pensa tais aspectos do futebol como fatores que construíram a base para que o esporte se transformasse em uma paixão nacional, como a profissionalização de clubes na década de 1930 e a construção de campeonatos estaduais, como os Campeonatos Paulista e Carioca. A forma como os campeonatos foram formados também fez surgirem e profissionalizarem-se clubes tanto nas capitais cosmopolitas quanto no interior, com times como o São Bento, de Sorocaba, em 1913. Ao pensar na trajetória histórica da construção

profissional do futebol, junto à relação que surgia com a torcida local, consolida-se o pensamento do autor sobre as emoções sentidas pelos torcedores dos clubes, que são fanáticos e trazem consigo assuntos intermináveis sobre as suas paixões e seus “mantos sagrados”, externalizando os sentimentos com o coletivo envolvido pela paixão ao time.

O jornalismo esportivo no Brasil esteve acompanhado da história do futebol no país, com o protagonismo inicial do modelo de crônica esportiva, adaptada ao futebol a partir dos anos 1920 e com Mário Rodrigues Filho como o grande reinventor em 1926 (TOLEDO, 2000). Nos anos seguintes, Toledo (2000) relata a rivalidade entre os cronistas cariocas, centrados na técnica de Mário Filho, e os jornalistas da Gazeta Esportiva, complemento do jornal A Gazeta, que ganhou destaque. Os cronistas possuíam maior finalidade emocional com o esporte do que os jornalistas guiados por um rigor impessoal, relatando em seus textos as emoções das derrotas e das vitórias.

No mesmo período de evolução do jornalismo esportivo nos grandes jornais, e em jornais próprios que faziam parte desses conglomerados, o esporte também era acompanhado nos jornais do interior, como o Jornal Cruzeiro do Sul, que em 1962 comemorava o acesso do São Bento para a elite do futebol paulista, com a manchete em caixa alta “Campeão!”, como podemos ver na Figura 1, a seguir.

FIGURA 1 – Capa da edição extra de 23 de fevereiro de 1963 do Jornal Cruzeiro do Sul



Fonte: Jornal Cruzeiro do Sul.

A profissionalização do esporte e a massificação dos meios radiofônicos nas décadas de 1920 e 1930 fez nascer o desejo público do consumo imediato de conteúdo sobre os clubes de futebol e nas partidas ao vivo, com o surgimento da figura do narrador esportivo e das transmissões, com comentaristas e repórteres de campo. A partir dessa nova figura do jornalismo esportivo, a cobertura do esporte e dos clubes muda radicalmente, para levar ao público essa nova forma de acompanhar o time do coração.

O atual formato do Campeonato Paulista A1 teve sua mudança implementada a partir de 2014, diminuindo o número de times em 2016, seguindo com o regulamento em 2022 de forma semelhante, modificando também o formato da Série A2, conforme o quadro a seguir.

Quadro 1 – Regulamento do Campeonato Paulista Série A1, A2 nos últimos anos

Campeonato Paulista	Série A1	Série A2
Número de times antes	20.	20.
Número de times depois	16.	16.
Número de times classificados e rebaixados antes	8 e 2.	8 e 2.
Número de times classificados e rebaixados depois	2 melhores de cada grupo, dois piores na classificação geral.	8 classificados, 2 piores rebaixados.
Número de rodadas antes	19 rodadas.	19 rodadas.
Número de rodadas depois	12 rodadas, times de mesmo grupo não se enfrentam.	15 rodadas.
Eliminatórias antes	1° e 8° lugar se enfrentavam, 2 e 7°, etc..	1° e 8° lugar se enfrentavam, 2 e 7°, etc..
Eliminatórias depois	Subiam os 4 clubes melhores classificados.	1° e 8° lugar se enfrentavam, 2 e 7°, etc..

Fonte: Elaborado pelo autor.

Essa mudança dos números de clubes na primeira divisão também afetou o número de clubes das divisões de acesso, diminuindo para 16 clubes na A2 e na A3 e mantendo o acesso e descenso de dois clubes em ambas as divisões, incluindo para a quarta divisão paulista, com mais clubes, mas também com o acesso de apenas dois clubes.

O formato também mudou como funciona a segunda divisão paulista, agora com quinze rodadas regulamentares e oito dos dezesseis clubes se classificam para a fase eliminatória. Na fase eliminatória, o chaveamento dos jogos é entre o primeiro e o oitavo colocado, o segundo e o sétimo, e respectivamente, resultando em quatro jogos das quartas de final, com jogos de ida e volta.

Na sequência, quem consegue ganhar no placar agregado, isso é, dos dois jogos, ou, em caso de empate, quem vencer a disputa de pênaltis, é levado a mais um chaveamento, entre os clubes que passaram, distribuindo os pontos por vitórias e empates para definir quais clubes

seriam primeiro, segundo, terceiro e quarto, para então jogar o primeiro contra o quarto e o segundo contra o terceiro. Os dois clubes que se classificarem para a final garantem a promoção para a primeira divisão do próximo ano.

## 2.2 Narração esportiva e clubismo no interior

A narração esportiva é um marco do jornalismo esportivo no Brasil, por apresentar as emoções de uma partida de futebol que acontecia no estádio, de forma instantânea, ao público fora dele, muitas vezes fora da própria cidade. Mesmo dentro dos estádios, a figura do torcedor com o “radinho de pilha” foi e ainda é presente, agora com a modernização dos telefones celulares como receptores de sinal.

Os narradores esportivos de rádio têm a necessidade de locutar os jogos em detalhe para o público de maneira clara e, ao mesmo tempo, entretê-lo. Schinner (2004) relata a importância da emoção para a narração, mas ressalta que ela deve ser administrada com cuidado para não passar dos limites físicos e profissionais. Esse paradoxo é interessante, ao pensarmos na narração do tetracampeonato brasileiro em 1994, em que Galvão Bueno se emociona aos gritos de “É Tetra”, com um dos momentos mais marcantes da conquista após 24 anos sem a taça da Copa do Mundo, ou ainda na tristeza e clima de luto na derrota do Brasil contra a Alemanha em 2014, pelo placar de 7x1 para os alemães.

Guimarães (2020) relata que as primeiras experiências com a narração esportiva aconteceram de 1923 a 1930, mas foi no dia 19 de julho de 1931 que foi consolidado o modelo de transmissão esportiva como conhecemos hoje. A transmissão que inaugurou esse modelo foi a partida entre as Seleções de São Paulo e Paraná, transmitidas pela Rádio Educadora Paulista, comandada pelo narrador Nicolau Tuma, apelidado de “*Speaker* Metralhadora”.

Além disso, de acordo com Guimarães (2020), a rádio tinha acabado de passar por uma popularização maior na década de 1930, com novos valores de lazer e entretenimento levados ao seu âmago e refletindo nos programas para o público. O modelo de financiamento e funcionamento das rádios foi aberto a comercialização em 1932, com maior fluxo de anunciantes patrocinando programas e até modelando o formato deles, junto da profissionalização do futebol, em 1933, e sua crescente popularização e massificação. No entanto, o modelo de narração esportiva se fortalece e se mantém popular a partir de 1940, mas os registros históricos anteriores são mais raros. Segundo o autor,

Desde os primeiros experimentos, em 1923, até a sistematização das transmissões esportivas, algo que ocorre de forma mais organizada somente a partir dos anos 40, houve a presença do futebol no rádio brasileiro, em menor ou maior escala.

Evidentemente, esta assiduidade aumentou na medida em que o futebol se transformou de esporte de elite para a prática da população (GUIMARÃES, 2020, p. 93).

Desde então, Schinner (2004) exemplifica alguns narradores radiofônicos marcantes na história da rádio, com seus bordões e diferentes modos de interpretar o jogo, como Pedro Luiz, Fiori Gigliotti, Osmar Santos e José Silvério, entre outros. Ao citar os exemplos e as maneiras que narravam, é possível observar as influências em narradores atuais, como Galvão Bueno.

A locução nas cidades interioranas passa por um aspecto que pode ser negativo para especialistas de rádios de grandes cidades e nas transmissões de clubes “de elite” e da própria seleção brasileira: o clubismo. Toledo (2000) cita as polêmicas que jornalistas do Rio de Janeiro e São Paulo se envolviam em relação aos convocados pela seleção serem mais de um lado do que do outro da Serra da Mantiqueira.

No interior, essa relação é atenuada devido à proximidade e emoção na relação entre torcedor, clube e imprensa local, que passa pelo mesmo objetivo de levar o clube para o maior patamar possível. Toledo (2000, p. 187) afirma que

Estas polêmicas dentro do domínio da crônica, levadas a público, e que dinamizam ainda mais o gosto pelo futebol, são reveladoras da formação e coexistência dessas comunidades morais e de interesses inter-relacionados de torcedores, profissionais e especialistas, que articulam, de modo dinâmico, as várias dimensões e representações, das querelas técnicas às políticas, antagônicas mas muitas vezes complementares do fato futebol.

A rádio que será analisada na pesquisa é a rádio Cruzeiro FM, da cidade de Sorocaba, no interior paulista, que, segundo seu *site*, teve a primeira transmissão em 1995 e que faz parte do grupo do centenário Jornal Cruzeiro do Sul. A locução de jogos das equipes da cidade acontece desde seu início, com narradores como Nilson César, hoje na Jovem Pan, passando pelas cabines de locução. Atualmente, o locutor principal é Nilson Duarte, o narrador da transmissão da partida entre Oeste e São Bento que analisaremos na pesquisa.

Ao pensar na locução esportiva, a emoção transparece em momentos-chave dos clubes, em especial em decisões e acessos a divisões superiores, em caso de clubes que enfrentam dificuldades. Nessas transmissões e na voz dos narradores, são mobilizados dois elementos que se entrelaçam ao receptor: a Comunicação e o Afeto, relação a ser tratada no próximo capítulo. Antes, destacaremos os agentes que agem comunicacionalmente para a construção dos afetos do futebol, o que chamaremos aqui de “tríade”, formada pelo clube, a imprensa e a torcida.

### **2.3 Tríade Clube-Imprensa-Torcida**

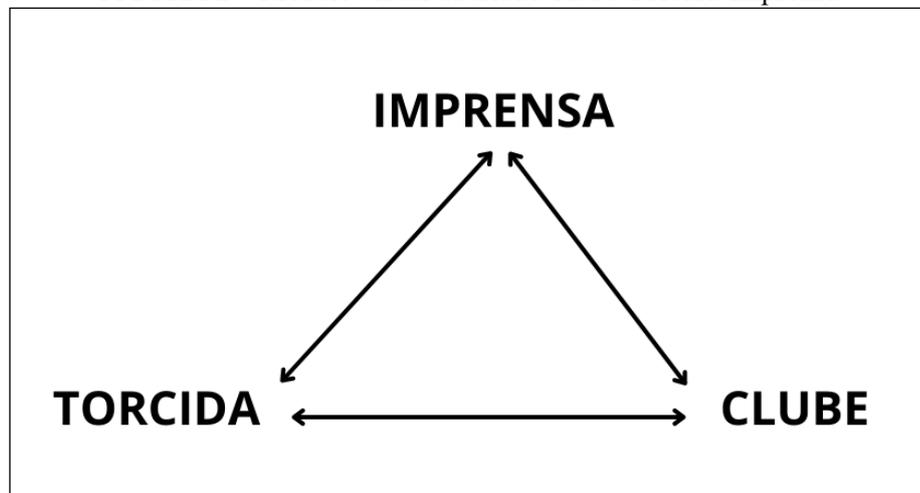
O futebol é o esporte mais consumido no Brasil, com audiências de televisão tradicional batendo mais de 50 pontos em grandes eventos, como a Copa do Mundo Catar 2022, reportadas

por texto do site do Uol Esportes com o título “Brasil x Coreia: Globo registra maior audiência da Copa do Mundo”. No entanto, ao lidar com grandes audiências da televisão brasileira, o panorama do futebol no interior do Brasil é deixado de lado nas mídias e nos estudos de Futebol e Comunicação.

Os times de futebol no interior do Brasil jogam uma série de campeonatos estaduais, com divisões entre a elite dos clubes de cada unidade federativa ou divisões de acesso, isso é, divisões que dão vagas para as primeiras divisões, e nacionais de menor escalão, quando bem-sucedidos. Por terem menor visibilidade em questão de patrocinadores e público nacional, tais clubes dependem ainda mais diretamente do apoio da sua torcida local para sobrevivência e para não fecharem suas atividades. A imprensa também tem seu papel na construção desse vínculo. Clubes tradicionais, como o São Bento, com 109 anos de sua fundação, tem que se equilibrar de forma precisa para manter-se funcionado.

É diante desse cenário e dessa problemática que o autor do presente trabalho julgou necessário propor um esquema para compreensão dos principais aspectos afetivos do futebol. A relação entre torcida, imprensa e clube não pode ser vista como uma relação linear de comunicação, como se a imprensa apenas informasse o que os clubes dizem ou fazem à torcida. Há um jogo de idas e vindas que se sustenta mutuamente, conforme a Figura 2, a seguir.

FIGURA 2 – Modelo visual da tríade Clube-Torcida-Imprensa



Fonte: Elaborado pelo autor.

Essa tríade servirá de base para a discussão dos capítulos seguintes, portanto, é importante falar um pouco mais sobre cada um de seus elementos. Os clubes interioranos mais tradicionais apontam uma conexão direta e indireta com bairros, cidades e regiões próximas em que estão instaladas. Os torcedores vestem a camisa, consomem conteúdo sobre o clube e se

identificam com os títulos, como “são-bentista”, “bugre”<sup>1</sup> e “juventino”<sup>2</sup>. Esse ponto dos torcedores fiéis ao clube é o que é definido nessa pesquisa como uma das bases da tríade, a “Torcida”.

Ao formar essa relação de afeto com o clube, os torcedores estimulam a imprensa local a olharem com maior cuidado para o clube e priorizarem a cobertura local, mesmo que em campeonatos de menor nível técnico. São jornais e rádios locais, como o Diário de Uberlândia, jornal impresso tradicional da cidade Uberlândia, ou então, o caso que foi analisado nessa pesquisa, a emissora de rádio Cruzeiro FM 92.3, de Sorocaba, atrelada ao grupo do Jornal Cruzeiro do Sul, que é um jornal impresso centenário. É esse ponto que na pesquisa identifiquei como “Imprensa”.

Ao abordar esses dois pontos, temos a ligação com o clube, definido aqui como instituição atrás do time, incluindo a de campo, como jogadores, técnico, equipe tática, fisioterapeutas e massagistas; a parte “atrás das cortinas” com funcionários do clube, sejam em contato direto com jogadores como roupeiros, ou em contato mais indireto, como assessores; e a parte executiva, como conselheiros, diretores, coordenadores e presidência.

Ao definir os três elementos, construímos o conceito da tríade que será trabalhada nesta pesquisa, a qual compreendemos como essencial para entender os afetos do futebol e como em momentos-chave dos times esses três são relacionados e afetados pelo outro em um formato de triângulo, em que todos são afetados mutuamente.

Até aqui, temos um modelo que se refere aos três agentes e que, em certa medida, é corroborado e sustentado por Toledo (2000, p. 9), nas figuras que ele identificou como profissionais (paralelo ao que chamamos de clube), especialistas (paralelo ao que chamamos de imprensa) e torcedores. Como aponta o autor,

Aí encontramos aqueles que sustentam e viabilizam a partida em si, os *profissionais*, aqueles que adensam à mesma os níveis de emoção que ela suscita e engendram valores e formas de sociabilidade específicas, o conjunto genérico de *torcedores* e, por sua vez, os *especialistas*, que procuram retraduzir e ordenar para uma narrativa supostamente linear e universalista, a partir das técnicas disponíveis de cada meio midiático e fixidez das regras, o processo ritualístico em evento jornalístico, de interesse de todos, portanto, decorrendo, inclusive, todas as implicações que podem ser analisadas da perspectiva teórica de uma sociologia dos meios de comunicação (TOLEDO, 2000, p. 9).

Em Toledo (2000), esses três agentes têm funções aparentemente bastante instituídas, ao ponto de a imprensa ser detentora de uma “narrativa supostamente linear e universalista”.

---

<sup>1</sup> Torcedor do Guarani, de Campinas

<sup>2</sup> Torcedor do Juventus da Mooca, de São Paulo

Acreditamos que ainda é preciso especificar algumas nuances para falar de como essa relação acontece quando estamos falando a partir dos afetos do futebol em um contexto de interior.

Um exemplo plausível de ser trabalhado, em que o afeto começa no clube, no sentido clube-torcida-imprensa é na situação em que o clube, em campo, é rebaixado para uma divisão inferior, assim afetando o torcedor que, por meio do sentimento de frustração, raiva e tristeza, repassa para o radialista o clima do estádio com vaias e xingamentos, assim causando a imprensa, nesse caso o rádio, a relatar e interpretar em sua locução tal frustração.

Em um caso que o afeto começa na torcida, no sentido torcida-clube-imprensa, um canto da torcida organizada em um jogo de futebol pode estimular os jogadores a terem mais vontade de ganhar um jogo, passando para a imprensa o resultado da torcida como “12º jogador”, termo usado para identificar a torcida como fundamental para o clube.

Em um terceiro exemplo, agora iniciado pela imprensa, em um sentido imprensa-torcida-clube, mais próximo da análise presente nessa monografia, o locutor pode, ao observar o jogo, interpretar um dos jogadores com o papel de herói, chamando de apelidos e o adjetivando de forma positiva. Essa figura heroica é passada então para a torcida, que está ouvindo o jogo e absorve o atleta como um dos protagonistas de um momento da história do clube, e então o próprio personagem, inserido dentro do clube, tem o reconhecimento dos colegas e da própria equipe como importante e elevado pela equipe.

O último exemplo será importante para retratar como a história da ascensão do São Bento para a primeira divisão paulista passa por questões de como o afeto e a comunicação estão ligados dentro de ligações sociais e do entrelaçamento entre ouvintes e da experiência metapórica de cada sujeito.

### 3 A DIMENSÃO COMUNICACIONAL DO AFETO

Ao propor o modelo de tríade, explicado no capítulo anterior, a conexão do futebol com o afeto e a ligação entre os dois no modelo comunicacional contemporâneo é construída por meio dos três elementos e suas interações. Essas interações entre o triângulo notam a base da dimensão comunicacional do afeto se aplicada, por exemplo, nas transmissões radiofônicas de uma partida decisiva na narração de um locutor, na análise de um comentarista e da notícia de um repórter de campo e na interação entre esses três, na imprensa, com os torcedores e com o próprio clube.

Podemos aplicar as teorias clássicas da comunicação para o modelo de tríade, como uma relação linear, a partir da relação das Teorias Matemáticas explicadas na compilação acadêmica das Teorias da Comunicação de Mauro Wolf (2009), em que vigora o modelo de fonte-transmissor-transmissão-receptor-destino, com a mensagem podendo ser distorcida por problemas técnicos, chamado de ruído.

Outro modelo, mais antigo, se baseia na estrutura da Teoria da Agulha Hipodérmica, que foi pesquisada pelas universidades dos Estados Unidos no contexto das pesquisas da psicologia na teoria behaviorista. Essa teoria, também analisada por Wolf (2009), têm como contexto a aplicação do conteúdo da mídia na massa de forma instantânea, sem questionamentos ou mudanças.

Essa base linear, com o público como mero receptor do conteúdo, não é o modelo apropriado para a análise dessa pesquisa, por crer nos pontos do afeto atrelados à comunicação como uma “via de mão múltipla”, em que os caminhos entre os contextos culturais e sociais são complexos o suficiente para não autorizarem esse modelo. Uma “via de mão única”, em que o público é acrítico e influenciado pela mídia, não permite uma teia de relações complexas presentes no entrelaçamento da dimensão comunicacional do afeto.

Ao falar de afeto, nos aproximamos da definição de Raymonds Williams, compreendido na escola dos Estudos Culturais. Ferreira (2019), para a construção de uma tese sobre a política nacional, dedica uma parte para explicar o conceito trabalhado por Williams. Ferreira começa por diferenciar o afeto da noção mais óbvia de emoção. Segundo o autor,

[...] faz-se necessário dizer que, apesar de citarmos como exemplos afetos largamente associados a emoções – medo, esperança, desamparo –, compreendemos, como sugere Grossberg, que emoção é o resultado da articulação entre afeto e ideologia, não sendo exatamente as mesmas dimensões; afetos aproximam-se de movimentos espaço-temporais analisáveis através da estrutura de sentimento; e relacionam-se a máquinas, agências, estruturas e vidas cotidianas, articulando-as e sendo articulados por elas (FERREIRA, 2019, p. 64).

Outras autoras que trabalharam com o conceito de Williams sobre afeto e seu papel dentro da cultura são Gomes e Antunes (2019), que retomam o pensamento das práticas culturais e da forma que devem ser analisadas. As autoras aplicam tal conceito ao explicar que “na perspectiva de Williams, práticas culturais devem ser estudadas a partir da experiência vivida e das práticas cotidianas de atores historicamente situados” (GOMES e ANTUNES, 2019, p. 12).

Ao definir o conceito de afeto, a base do trabalho é vista na dimensão comunicacional do afeto e de sua dinamicidade. Uma locução radiofônica de uma partida de futebol, por exemplo, demonstra essa dinâmica de construção em múltiplos contextos, sem ser reduzida ao mero meio, como o rádio, a uma técnica jornalística, como a narração, nem ao conteúdo dessa narração, descrevendo o jogo.

A comunicação atrelada ao afeto, nesse caso, é uma relação complexa de relações sociais, em que todos os elementos citados fazem parte dessa teia comunicacional. Nesse pensamento, é possível pensar na importância da presença do torcedor, do jornalista e da intersecção entre eles no torcedor-locutor na partida, com suas experiências pessoais de conexão com o clube junto da prática profissional.

Tomando por base a referida perspectiva de Williams, direcionamos esta monografia no sentido de um estudo cultural, que permite compreender que o afeto não se resume à emoção e que a comunicação não se reduz ao meio midiático ou ao conteúdo. Mas, afinal, o que é comunicação? E “até que ponto, de fato, nos comunicamos?” Esta última pergunta é título de um livro de Ciro Marcondes Filho (2007) e parece ser representativa de uma extensa discussão em Epistemologia da Comunicação no Brasil.

Esse debate nos desloca para autores que nem sempre estão relacionados aos estudos culturais, mas ainda assim nos mantemos dentro de seus pressupostos, que não são dogmáticos e permitem pensar a partir de diferentes articulações teóricas. Aqui, acreditamos que é importante, além de efetuar uma análise cultural do afeto na transmissão esportiva, evidenciar e discutir o aspecto propriamente comunicativo desses afetos.

Ao então definir o que é afeto e citar sua complexidade, nos propomos a entrar no debate de três autores contemporâneos brasileiros, importantes no debate da epistemologia da comunicação, que permitem abordar a questão da dimensão comunicacional do afeto para pensar como a comunicação dentro desse conceito de afeto: Muniz Sodré, Ciro Marcondes Filho e José Luiz Braga. Dentre outras obras possíveis, consultaremos as seguintes.

Sodré trabalha o conceito no livro “As Estratégias Sensíveis” (2006). Já Marcondes Filho trata do tema no artigo “De repente, o prédio falou comigo” (2011) e Braga no artigo

“Interação como contexto da comunicação” (2012). Braga (2012) e Marcondes Filho (2011) debatem entre si em um impasse entre as teorias formuladas no artigo do outro.

Sodré (2006) aborda a questão por meio da discussão pela filosofia sobre razão e emoção e encaminha a discussão para o campo das estratégias sensíveis. O pesquisador aborda, para definir de forma clara a sua definição, a epistemologia da palavra afeto, a partir do latim e sua relação com a palavra afeição. Segundo ele,

Afeto, por sua vez, com a mesma etimologia, refere-se ao exercício de uma ação no sentido B, em particular sobre a sensibilidade de B, que é um ser necessariamente vivo. A ação de afetar (no latim clássico, podia corresponder a *commoverè*) contém o significado de emoção, ou seja, um fenômeno afetivo que, não sendo tendência para um objetivo, nem um a ação de dentro para fora (a sensação, vale lembrar, é de fora para dentro) define-se por um estado de choque ou de perturbação na consciência (SODRÉ, 2006, p. 28-29).

Ao abordar a dualidade entre razão e emoção, presentes nas filosofias e teologias ocidentais e orientais, para refletir sobre ideia de afeto, Sodré (2006) passa pelas discussões filosóficas e teológicas no globo, tanto na trajetória da filosofia ocidental, como no racionalismo de Immanuel Kant e nas reações a ele, como em Nietzsche e na base do irracionalismo contemporâneo, que pondera sobre a felicidade na mesma raiz do sofrimento; como na teologia, com o pensamento cristão de São Tomás de Aquino ou na fé Hindu.

Tais discussões se dão na origem da emoção frente à racionalidade, se elas são contrárias ao pensamento racional ou se são parte da lógica humana. Sodré (2006) reflete sobre como em certas situações a emoção leva à razão, como no desejo de uma pessoa defender a nação, recrutando-se como soldado, mas que esse objetivo vem da persuasão de uma campanha publicitária bem estabelecida.

Abordar os elementos da emoção dentro da comunicação e de seus papéis múltiplos é interpretar que o modelo também tem seu lado negativo e autoritário, exemplificado por discursos de figuras ditatoriais com objetivo de agitar a massa e propagandear a ela emoções negativas, como o ódio, outro exemplo de uso negativo também pode ser estudado com materiais de propagandas produzidas pela mídia contemporânea. Sodré (2006, p. 80), comenta que

Essa relação social é moldada pelo mesmo investimento afetivo das massas que as toma receptivas à velha propaganda política e à publicidade contemporânea. Debord concebe duas formas de espetáculo: o concentrado, típico do stalinismo e do nazismo, em que o Estado e o partido político dominante fazem um uso propagandístico dos meios de comunicação e das grandes manifestações públicas; o difuso, característico da sociedade de massa contemporânea, em que o mercado usa publicitariamente a mídia para consolidar o fetichismo da mercadoria.

Tal pensamento reflete sobre os usos instrumentais do espetáculo e, mais precisamente, no uso do espetáculo em tais meios difusos, presentes na sociedade de massa contemporânea. Nesse grupo inclui-se os modelos radiofônicos, repassados ao público por meio do áudio e o foco da pesquisa.

O afeto passado aos sujeitos no modelo de locução esportiva por meio de estratégias de sensibilidade faz o esporte como objeto e símbolo de emoções para o torcedor e para o fã, mostrando que a relação entre mídia e esporte ultrapassa a lógica e abre um campo de estratégias sensíveis, pois o afeto é dinamizado midiaticamente.

Mas, ao pensar no modelo de Sodré, ficamos limitados ao modelo da comunicação e afeto apenas como uma forma de gerar emoções, não se aprofundando além disso. O debate entre Marcondes Filho (2011) e Braga (2012) aborda questionamentos sobre o que pode ser definido como comunicação e como a mera transmissão e recepção de uma rádio, por exemplo, não configuram, necessariamente, a comunicação.

Marcondes Filho (2011) defende o ponto que a comunicação só é, de fato, comunicação quando as partes são afetadas e transformadas pela recepção desse conteúdo e informação em seus estados. Para o autor, essa parte pode ser uma outra pessoa ou algo mais abstrato, como uma pintura, com ou sem a presença desse “Outro”.

Ela corrói a positividade do estabelecido e do existente e introduz um elemento perturbador, instigador, incômodo, que nós aceitamos ou não, o incorporamos ou não, dependendo de nossa capacidade ou interesse na abertura de nós mesmos ao Outro (MARCONDES FILHO, 2011, p. 4).

Marcondes Filho (2011) aborda em seu artigo o conceito de pesquisa metapórica, que pode ser definido como uma forma de pesquisa em que o pesquisador deve experimentar e atribuir o sentimento que sentiu ao seu objeto de pesquisa e pensar de que forma foi afetado e transformado por tal objeto. Ele também insiste em um conceito complexo, que é a inexistência do sujeito, afirmando que todos são um emaranhado de ideias e experiências. Para o autor,

Nosso conceito de comunicação não privilegia os sujeitos. Em princípio, não há sujeitos. Há um todo emaranhado de linhas e de ligações – sociais, históricas, políticas, culturais, econômicas, religiosas, subjetivas – e as pessoas são constituídas e constituem esse complexo [...] os fios intencionais caracterizam nosso acontecer casual no mundo. Significa dizer que a vida humana e as ocorrências são obra desse encontro fortuito de múltiplos agentes (MARCONDES FILHO, 2011, p. 6).

Entre os exemplos citados por Marcondes Filho (2011), ele utiliza dos meios radiofônicos e da ludicidade dos esportes como uma forma de estabelecer um paralelo com o conceito construído de afeto e de como o espetáculo é utilizado em tais sentidos. Segundo ele,

Tal pensamento reflete sobre os usos instrumentais do espetáculo e, mais precisamente, no uso do espetáculo em tais meios difusos, presentes na sociedade de massa contemporânea. Nesse grupo inclui-se os modelos radiofônicos, repassados ao público por meio do áudio e o foco da pesquisa. O afeto passado aos sujeitos no modelo de locução esportiva por meio de estratégias de sensibilidade faz o esporte como objeto e símbolo de emoções para o torcedor e para o fã (MARCONDES FILHO, 2011, p. 4).

Ao abordar tais questões, é notório que Marcondes Filho tem o conceito de que a comunicação é exclusivamente o que teve resultados positivos, isto é, que afetou e transformou tal sujeito. Por isso, dentro de outros aspectos, temos um dos pontos centrais de divergência entre ele e Braga (2012), que trata a questão de como a comunicação é uma interação social e que não pode ser apenas a comunicação com resultados positivos e ideias.

Braga (2012) estabelece cinco pontos centrais para a sua definição de comunicação dentro do contexto da interação e do afeto a partir de cinco pontos principais e conflitantes com Marcondes Filho, dentre esses estão: i. mudança para comunicação ao longo dos séculos XX e XXI; ii. a questão dos processos de escuta como parte integrante da comunicação; iii. os aspectos que fazem parte ou não e qual é o controle desses tais processos.

Em seu ponto inicial, o autor estabelece que as interações sociais são o local de ocorrência da comunicação e tais interações como meios de mudanças através dos processos comunicacionais. Ao abordar tais processos, o pesquisador relata que deve-se ir além da individualização da mudança e aplicar a ela ao outro. Assim, Braga (2012, p. 29), diz que

Parece-me mais interessante pensar que, em interações sucessivas, as pessoas reverberam umas sobre as outras, se escutam mutuamente – e, por processos incrementais, se modificam a partir de aportes múltiplos e entremeados. Assim como, historicamente, se modificam as instituições.

Em outro ponto, Braga (2012) estabelece a importância da “escuta” como um processo importante na construção da comunicação, indo na contramão de teorias clássicas, que focam na mensagem. Braga aqui se interessa mais pelo receptor e de como essa escuta acontece dentro dos processos de interações sociais. Essa escuta também inicia um próximo ponto, em que no meio de debate o que é comunicação, ele reafirma o aspecto da interação como fator principal na dimensão comunicacional do afeto. Dessa forma,

Podemos dizer, agora, com mais clareza (estimulada por nosso debate): o produto não é apenas uma coisa que circula, é um resultado (variável) das interações. Os códigos e as inferências, como os percebo nos dispositivos interacionais, são elementos processuais. Precisamos, então, compreender como, nos dispositivos interacionais, funcionam as coisas (mensagens e produtos) e suas passagens (circulação) – para nelas entender quais as lógicas que favorecem a comunicação e quais os elementos que, na passagem, restringem a mudança, a produção do novo. (BRAGA, 2012, p. 33).

Ao analisar o ponto de Braga (2012), vemos o contraste com as visões de Marcondes Filho (2011), que retrata a comunicação como exclusivista, em que a presença de um pensamento que destoa da paz faz de si o processo comunicativo, diferenciando a comunicação da informação, no ponto de relatar a comunicação como operante na presença ou não de outro.

Nesse questionamento, entramos na ideia de um gradiente de comunicação, em que Braga (2012) defende a análise de cada caso de estudo e de seu interesse de como elas devem ser estudadas fora do ideal de uma “comunicação alta”, e de como todas possuem experiências diferentes, em contraponto a proposta de Marcondes Filho do que é comunicação. Para Braga (2012, p. 34),

O que interessa, sobre esse ponto, é evitar restringir o fenômeno comunicacional a alguma coisa que se deva categorizar como de valor humano ou social alto – por qualquer critério que se possa adotar; e que simplesmente aconteça ou não aconteça. A se decidir por essa restrição, seria preciso estabelecer os critérios que assegurassem estarmos diante de tal fenômeno, explicitando o modo de reconhecê-lo e descartando tudo o que não atinja o critério de excelência.

Ao ligar-se com os pontos propostos por Braga, é possível notar, em exemplos, como se encaixa em partes da pesquisa, a partir de uma partida de futebol, em que o torcedor está em contato direto com o jogo do clube em campo, seja na vitória, com exclamações de alegria, ou na derrota, com a frustração. As interações sociais estabelecem esse processo do afeto e, dentro desse afeto, entra na dimensão comunicativa desse afeto.

Nessas interações sociais, aplicando o contexto da tríade, o torcedor no estádio estabelece uma interação social com o clube, ao cantar no jogo, como com a imprensa, com o seu rádio ou outro aparelho receptor radiofônico. A imprensa, ao interagir com seu torcedor por meio de seu comentário do jogo, constrói o processo afetivo que desemboca na comunicação, ao repassar informações de campos em uma transmissão complexa, mas também pode receber essa interação da torcida ao notar cantos e gritos em direção ao campo. O clube pode notar, por exemplo, em uma entrevista de um repórter de campo de intervalo, como que está a temperatura da imprensa, ou de como os torcedores estão reagindo a partida.

É importante ressaltar que esses autores trabalham em perspectivas diferentes, algumas em contraste e debate direto, mas, nesta pesquisa, eles nos ajudaram a pensar a dimensão comunicacional do afeto, sendo construída por meio de estratégias sensíveis, utilizadas pela imprensa para pensar formas de atingir o seu público, afetações e emoções, em que, por exemplo, os torcedores, se apegam a simbologia e a torcida, criando uma relação de paixão e fidelidade; e interações, ao redor dos times, de seus clubes e estruturas e suas disputas nos campeonatos.

Ao abordar esses elementos, nota-se novamente a confluência no conceito trabalhado no capítulo anterior da tríade, em que os três elementos se interagem em um meio social e por meio dele afetam um ao outro de forma não-linear, com a imprensa utilizando de sua estrutura e estratégias para ter mais público, o clube dependendo do apoio de seus torcedores fieis e de possíveis novos torcedores que podem se apaixonar pelo clube, e os torcedores se emocionando, para o bem e para o mal, com as performances do clube em campo, além da construção de uma identidade coletiva.

Os pontos abordados nesse e no capítulo anterior permitem que análise seja construída. Para a análise, utilizamos conceitos da análise cultural para definir como a dimensão comunicacional do afeto é vista na prática de uma transmissão radiofônica de um jogo de futebol, na narração, comentário e reportagem de uma radio local transmitindo um jogo decisivo da equipe da cidade, em que o clube decidiu o acesso nos últimos instantes.

#### **4 OESTE X SÃO BENTO NA TRANSMISSÃO DA RÁDIO CRUZEIRO FM DE SOROCABA**

Essa pesquisa tem como metodologia buscar entender como se estabelece a dimensão comunicacional do afeto presente em uma transmissão radiofônica de um jogo de futebol e sua cobertura. Nessa cobertura fazem parte a narração, com suas falas, bordões e a emoção, comentários e reportagens de campo. A partir de tal transmissão, objetivou-se entender de qual forma elas são colocadas por meio do conceito da tríade, que acontece no futebol interiorano.

O objeto analisado nessa monografia é a transmissão esportiva da Rádio Cruzeiro FM da cidade de Sorocaba, no interior paulista, do jogo de futebol entre o Oeste e São Bento pelo Campeonato Paulista A2, a segunda divisão do campeonato estadual de São Paulo, no dia 09 de abril de 2022. A transmissão teve início às 17h05, com os comentários de pré-jogo habituais, com a locução do narrador Nilson Duarte, do comentarista Gustavo Gebaile e do repórter de campo Caio Rossini começando às 18h50 e com o jogo começando pontualmente às 19h. O resultado do jogo foi 1x1, com o placar agregado dos jogos de ida e volta em 3x3, e vencido nos pênaltis pelo São Bento no placar de 3x2. O contexto que gerou essa partida e que fez os entornos dela serem mais emocionais e afetarem a tríade serão explicados no primeiro capítulo dessa análise.

A transmissão realizada ao vivo pelo YouTube e com a gravação disponível para o acesso do público, tem mais de cinco horas no total. Dessas cinco, mais de duas horas de partida, incluindo tempo regulamentar, intervalo e disputa de pênaltis.

Os momentos-chave que foram escolhidos para análise se baseiam em uma série de aspectos, desde a lembrança da emoção sentida pelo pesquisador em determinados momentos ao estar presente no jogo na arquibancada e escutando a transmissão simultaneamente e as emoções sentidas ao escutar novamente para lembrar o jogo, junto dos comentários da gravação da transmissão, que apontam momentos semelhantes como ponto alto de emoção no jogo. O esmiuçar desses momentos é tratado na segunda parte dessa análise, aplicando a cada elemento da tríade uma mudança significativa do jogo.

Os momentos da transmissão compilados com contexto de dois segundos a menos para se compreender em qual momento estão sendo realizados e que foram analisados são:

- O gol do Oeste, aos oito minutos de jogo e no tempo 2h04min11s da transmissão;
- O gol perdido pelo Oeste aos 38 minutos do segundo tempo e no momento 3h42min38s;

- O gol do São Bento aos 5 minutos de tempo de acréscimo e aos 3h54min9s na gravação;
- A disputa de pênaltis a partir do momento 4h06min41s, com destaque para os pênaltis defendidos pelo goleiro Zé Carlos, sendo a primeira, a segunda e a quinta cobrança do Oeste;
- A comemoração do acesso do São Bento para a primeira divisão paulista a partir do momento 4h16m45s, com a fala do narrador.

A partir da análise desses momentos-chave dessa transmissão, selecionados pela importância no jogo e pela questão do afeto dentro da dimensão comunicacional nesse momento, perpassamos como tais momentos diversos nas diferentes emoções causam diferentes aspectos da comunicação, com a narração perpassando desde a frustração, a surpresa, o alívio, a euforia, o desabafo e a alegria, tanto pela torcida, pelos jogadores e pela transmissão. Nesse ponto, partimos para entender como a tríade imprensa-torcida-clube é afetada em cada um desses momentos.

Ao relacionar os aspectos levantados, o processo metodológico desta pesquisa destrinchou como as falas de cada um dos personagens da transmissão se envolve na questão da partida e de como a emoção passa por cada uma das falas do narrador, do estilo da narração, do timbre e intensidade da voz, dos bordões usados – sejam eles marcas do narrador, históricos, relacionados ao clube ou criados na hora para refletir a conexão com o clube presente na imprensa local.

Após destrinchar tais falas nos momentos-chave, a pesquisa buscou o entendimento de como o afeto, ligado ao time nas palavras dos locutores e na reflexão de tal narrativa com os símbolos e frases identificadas com a torcida, se mostra presente na transmissão de jogos pela rádio e pelo jornalismo esportivo presente em uma cobertura radiofônica de um jogo, ou seja, dimensão comunicacional. A partir dessa construção, a pesquisa finalizou a análise e partiu para a conclusão final, apontando aspectos identificados em sua coleta e produção para entender a mobilização do afeto na dimensão comunicacional.

#### **4.1 Contexto e História**

Segundo o portal do clube, o Esporte Clube São Bento é um clube de Sorocaba, com 109 anos de sua fundação, em 14 de setembro de 1913. Com início no futebol amador sorocabano, teve o processo de profissionalização iniciado em 1953, culminando na disputa da

então Primeira Divisão do Campeonato Paulista, nome que confunde, mas era o equivalente da Série A2 do Campeonato Paulista atual.

Em alguns anos de participação, a equipe, que têm as cores azul e branca, ou alviceleste, conquistou a sua participação no ano de 1962, quando foi campeão no agregado de melhor de três partidas contra o América de Rio Preto, empatando nos dois jogos em Sorocaba e São José do Rio Preto e ganhando por 2x1 no desempate no estádio do Pacaembu, em São Paulo, como é relatado pela manchete do Jornal Cruzeiro do Sul, de Sorocaba (cf. Fig. 1, p. 16). Após a ascensão, o clube permaneceu por 29 anos seguidos, de 1963 até 1992, na primeira divisão paulista. Após o rebaixamento, o clube passou por períodos de instabilidades na década de 1990 e 2000, em que teve seguidos acessos e descensos, flutuando entre a Série A1, A2 e A3 nesses anos.

Um acontecimento de destaque do ano de 2008 foi o chamado “Jogo da Marmelada”, quando o São Bento dependia de um resultado diferente do empate entre Oeste e Mogi Mirim na Série A2 em 03 de maio de 2008. As equipes foram acusadas pelos torcedores e pela imprensa local de combinarem resultados, empatando de propósito, termo no futebol apelidado de “Jogo de Comadres” e prejudicar o São Bento. Esse fato ocasionou em uma referência abordada no jogo de 2022 pelo narrador Nilson Duarte. Uma citação a esse apelido está em um artigo da Folha de São Paulo de título: “NOVELA: "JOGO DA MARMELADA" SERÁ JULGADO NO DIA 19”.

No começo da década de 2010, o clube passava por grave crise financeira e estava estacionado na terceira divisão paulista até 2013, o ano de seu centenário, em que subiu e conquistou o troféu da Série A3 e garantiu o acesso para a Série A2, subindo em 2014 para a primeira divisão paulista. A partir de 2015, o clube permaneceu por cinco anos na Série A1, se mantendo em 2015 e conseguindo uma classificação para a Série D do Campeonato Brasileiro em 2016, pela boa campanha e subindo no mesmo ano para a Série C. Em 2017, conquistou o acesso para Série B do Brasileirão, onde se manteve por duas temporadas.

Em 2019, o clube passou por mudanças e investimento em um plantel de jogadores mais caros, mas que não tiveram sucesso e foram rebaixados para a Série A2 do Paulista e para a Série C do Campeonato Brasileiro no mesmo ano, acabando com o período de ascensão contínua.

Em 2020, apesar da volta para a A2, dividida em duas partes pelo contexto da pandemia de Covid-19 que interrompeu os campeonatos de futebol em 2020, o clube não conseguiu se manter na Série C do Campeonato Brasileiro e foi rebaixado para a Série D. Em 2021, o clube

foi rebaixado novamente para a Série A2 e perdeu a vaga da Série D, voltando a ficar sem divisão nacional depois de cinco anos.

Em 2022, ao aprofundar o Campeonato Paulista da Série A2, temos a campanha completa do São Bento tanto na fase classificatória quanto na fase eliminatória, com o formato explicado anteriormente. Ao consultar os resultados no site da Federação Paulista de Futebol (FPF), entidade superior do futebol em São Paulo e que organiza os Campeonatos Paulista, o time sorocabano iniciou o torneio vencendo o Audax de Osasco fora de casa por 2x0 e empatando contra o Primavera de Indaiatuba em casa por 1x1.

Ao fazermos o balanço da primeira fase, com 15 jogos no total, o São Bento acabou na sexta colocação de 16, se classificando entre os oito clubes que iriam para a fase mata-mata. O time alviceleste teve 22 pontos, distribuídos entre cinco vitórias, sete empates e três derrotas, uma delas para o adversário que enfrentaria no chaveamento, o XV de Piracicaba.

Na fase classificatória, alguns jogadores já se destacaram por sua capacidade de gols, como Marcos Nunes, que atuava com atacante de ponta direita, ou pela capacidade decisiva, como Cristiano, que joga de atacante centroavante, ou por defesas em boa hora, como o goleiro Zé Carlos, um dos protagonistas do jogo do acesso.

No primeiro jogo da fase eliminatória, contra o XV de Piracicaba em casa, apesar de algumas polêmicas de arbitragem, jogador e técnico expulsos e um jogo tenso, o placar final foi de 1x0 para o São Bento. No segundo jogo, em Piracicaba, um cenário atípico causou uma vitória por 5x1, anormal para um time de táticas defensivas como o São Bento, no comando do então técnico Paulo Roberto Santos, e a classificação para a semifinal contra a equipe do Oeste de Barueri. Os cinco gols não foram efetivos, no entanto, para ter a vantagem do clube na disputa da semifinal, com a vantagem do jogo de volta indo para Barueri.

No primeiro jogo, realizado no Estádio Walter Ribeiro, em Sorocaba, o Oeste abriu o placar com gol de pênalti de Bruno e um gol na entrada da área de Léo Ceará, fechando o primeiro tempo de forma a complicar o São Bento, que teria de buscar dois gols em 45 minutos mais acréscimos para o mínimo empatar e levar o jogo para Barueri sem nenhuma vantagem no placar.

No segundo tempo, o São Bento conseguiu anular essa vantagem do time do Oeste com gol de Diogo Oliveira, chutando cruzado da lateral da grande área, e de Wilson Júnior, também de chute cruzado na grande área, mas após um rebote na defesa do goleiro, resultando em 2x2 e sem vantagem em gols de nenhum dos clubes, com o placar em Barueri definindo as questões presentes nesse jogo.

É importante citar, antes de analisar o jogo em si, um pouco do contexto de fundação do Oeste de Barueri, antigo Oeste de Itapópolis. Ao contrário do São Bento, o Oeste é um clube administrado por uma empresa. Segundo o portal da FPF, o Oeste foi fundado originalmente em Itapópolis, cidade no centro-oeste paulista, em 1921 (FEDERAÇÃO PAULISTA DE FUTEBOL, s.d.).

Sua trajetória profissional começa em 1954, um ano depois do São Bento, mas sem expressão por anos, ficando entre as divisões de acesso de São Paulo até a década de 1990, com acessos e descensos, e se estabelecendo com mais força na década de 2000, com maior estrutura. Mas, em 2017, o clube, alegando não poder mais jogar em seu antigo estádio em Itapópolis e em uma parceria com o Grêmio Barueri, que tinha fechado as portas em 2011, e com a prefeitura da cidade, se muda para Barueri, utilizando da Arena Barueri e abandonando a antiga cidade e a torcida que o apoiava. Tal confusão é citada na reportagem de Guilherme Giavoni, de 14 de novembro de 2017, para o site [ge.globo.com](http://ge.globo.com) com o título de “De Itápolis ou Barueri? Quem é o Oeste, time que briga pelo acesso à Série A”.

Ao analisar essa questão do Oeste e da construção de uma identidade histórica de um time apoiada na estrutura jornalística e comunicacional da imprensa, da organização de campo, administrativa, política e executiva de um clube e da lealdade, senso de comunidade e de emoção de uma torcida, essa mudança de cidade pode ser considerada como uma quebra na confiança do local-cidade e deve construir do zero, sem nenhuma conexão anterior, com outro local-cidade que não têm o mesmo afeto para esse time, mesmo com altos investimentos e ingressos baratos. Segundo levantamento da Agência Futebol Interior, especializada em futebol interiorano e de divisão, o São Bento teve a quarta maior média de torcida na fase classificatória, com 1.185 pagantes, enquanto o Oeste, melhor na tabela da primeira fase, teve apenas 208 pagantes em média.

A questão da tradição de um clube ser perdida, seja por clubes novos, mudanças de sede ou de outros fatores, se comparado a clubes que se mantêm próximos de suas torcidas locais, não mudando de cidade ou bairro e se entrelaçando com a história dos moradores, é abordada pela torcida beneditina em frases que são ditas pela torcida, estampadas em bandeiras de torcidas organizadas e entoadas por pessoas próximas ao clube. “Tradição não se compra” é uma frase associada a torcida do São Bento e, mais especificamente, a torcida Bentão Chopp, apresnetada na Figura 3, a seguir, que têm bandeirões com essa frase. Ao abordar esse afeto dentro das frase da torcida, se esbarra na questão do orgulho de uma identidade local e geracional, como algo a se defender e utilizar como frase de apoio.

FIGURA 3 – Bandeira da Bentão Chopp com a frase “Tradição não se compra”



Fonte: BENTÃO ..., 2022.

Um detalhe importante para a construção da análise foi a viagem e a presença de torcedores do São Bento que foram até Barueri para apoiarem o clube, rivalizando em números a torcida do Oeste presente. A natureza desses torcedores, por aceitarem o desafio de estrada, por mais que a distância não seja grande, cerca de 40 minutos a uma hora de carro ou de ônibus, é mais vibrante e conectada ao clube, apoiando, cantando e comemorando (sofrendo também) o time até o seu momento de glórias.

#### 4.2 A partida e os momentos-chave

Como abordado no texto introdutório ao capítulo, são cinco momentos analisados na presente pesquisa. A escolha dos momentos analisados se justifica pela potência e intensidade de cada um em cada um dos elementos da tríade para a torcida, a imprensa e o clube do time Esporte Clube São Bento, em um jogo com altas expectativas por sua natureza decisória e pelo contexto do jogo anterior.

Os trechos selecionados pela pesquisa são divididos em três partes. No primeiro momento, utilizando a imagem crua, com o áudio silenciado, do jogo por meio da transmissão do jogo por meio do canal do YouTube do Paulistão, que transmitiu os jogos finais da Série A2

2022, sendo descrito o lance como está na imagem. No segundo ponto, é descrito, com citações da transcrição, o que é narrado nos momentos, evitando-se pautar pela imagem fria, mas seguindo o ponto da imaginação necessária em uma narração por áudio. Por fim, em terceiro ponto, o autor da monografia traz, a partir da descrição emocional e de memória colocada em questão em uma análise com elementos metapóricos, o que sentiu no momento da jogada, já que estava no estádio assistindo a partida na torcida do São Bento.

#### **4.2.1 1º Momento: Gol do Oeste**

O primeiro momento abordado por essa pesquisa é o gol do Oeste, que saiu aos oito minutos do primeiro tempo, feito por Leo Ceará, abrindo o placar do jogo e que definiria o que seria o jogo em diante, com a equipe sorocabana correndo atrás do gol e se arriscando cada vez mais.

O momento se inicia com uma troca de passes feitas pelo Oeste na entrada da grande área, rotacionando do canto esquerdo do campo para o lado direito, em que Marcos Nunes rouba a bola e tenta chutá-la para afastar o perigo, mas acaba chutando em cima do jogador do Oeste, com a bola rebatendo nele e sobrando para Bruno Lima, que toca a bola em triangulação com outros jogadores, até chegar nos pés de Feijão, que cruza a bola para a área. Após cruzar para a área, Popó, jogador do Oeste, cabeceia para Léo Ceará, que dominou a bola, ajeitou para o meio e chutou para o gol, acertando o ângulo direito, sem chances de defesa para o goleiro Zé Carlos. Definido 1x0 no placar.

Ao abordar o primeiro lance narrado pela equipe da Cruzeiro FM temos um momento que pode ser considerado o mais “frio” e mais próximo da tentativa jornalística idealista de se manter uma “imparcialidade mínima” e ser respeitoso com o hipotético torcedor que estaria ouvindo pela rádio o momento do gol. Nilson Duarte grita “gol”, até cita o valor de um gol bonito, um “golaço”, mas sem a intensidade e as frases de identificação, presentes nos futuros momentos, quando a equipe sorocabana consegue reverter o resultado. Apenas há um bordão padrão, uma das marcas do narrador sem distinção de quem é o gol. No vídeo do Youtube, é possível notar a preocupação nos rostos da equipe presente na cabine.

*NILSON DUARTE: Gooool do Oeste! Novamente ele, Léo Ceará. Dominou a perna direita, foi pra cima da marcação, chapou no ângulo do goleiro Zé Carlos, ele tentou mas não alcançou. Anote o tempo do gol, amigo torcedor, na marca de 7, 7 do primeiro tempo. Saí o primeiro zero do placar na Arena Barueri. De novo ele, Léo Ceará fatal. O placar agora aponta, Oeste 1, São Bento 0, Rossini.*

A descrição da jogada, feita por Caio Rossini após o gancho do narrador, seguindo o mesmo padrão de tom neutro e padrão de rádio, se mantendo respeitoso ao possível público do Oeste, mas sem mais expressões que isso.

*CAIO ROSSINI: Um chute forte cruzado, no ângulo esquerdo do Zé Carlos, indefensável pro goleiro do São Bento. Mais um golaço do Léo Ceará. Léo Ceará marca, Oeste está na frente, 1 a 0.*

Quanto a emoção que senti no momento desse gol, a descrição é que o medo de uma derrota e a frustração e apreensão de ter que ver o clube correr atrás de um resultado complicado, por ser um jogo fora de casa, mesmo com o apoio da torcida. Alguns torcedores ficaram visivelmente enraivecidos, mas fiquei por um breve momento atônito e frustrado. Apesar de ter um princípio de confusão em uma certa parte da torcida, os ânimos se acalmaram e a torcida voltou a cantar e apoiar o clube. O mais frustrante, no entanto, é que o gol foi similar ao segundo gol do Oeste no jogo de ida, e pensar que o clube cometeu o mesmo erro em dois jogos foi e continua sendo frustrante. No panorama geral, serviu como um elemento da narrativa construída ao longo do jogo.

#### **4.2.2 2º Momento: Gol perdido do Oeste**

O segundo momento abordado pela pesquisa é o gol perdido do Oeste pelo jogador Tite, que aconteceu aos 38 minutos do segundo tempo. A emoção e o estilo de narração nessa parte do jogo já estão diferentes, com a corrida para empatar o jogo mais acelerada pelo tempo restante do jogo ser escasso.

O momento se inicia com um passe de Foguinho, que foi interceptado pelo Tite, que conseguiu conduzir a bola pelo campo do São Bento sem contestação e apenas com o goleiro Zé Carlos em sua frente, e o colega de equipe que vinha do seu lado direito. Vinha de trás correndo o Foguinho, tentando consertar o erro e impedir o gol, mas sem velocidade suficiente para alcançar. Ao avançar com a bola, Tite consegue driblar o goleiro, indo para a esquerda, mas adiantando muito a bola e se desequilibrando, caindo e atingindo a bola com as costas, que foi lentamente para fora. O jogador se mostrou visivelmente frustrado, a sua equipe, que tinha se aproximado do gol para comemorar, reagiu de forma surpresa e incrédula e a equipe alviceleste retornou rapidamente ao jogo, pela urgência de conseguir pelo menos um gol.

Ao analisar a locução nesse momento, é perceptível a importância do lance, com citações de possível “gol do acesso”, e também a visível incredibilidade do lance, por ser uma chance clara ao gol, com gritos e surpresa de momento.

*NILSON DUARTE: Inacreditável! Inacreditável! Inacreditável o gol que o Oeste perde! O Tite, a bola e o gol. Ele tropeça e cai, Rossini.*

O repórter de campo cita um momento conhecido no futebol brasileiro, que aconteceu no jogo válido pela Copa do Brasil entre Santos e Palmeiras, no dia 25 de novembro de 2015, que terminou em 1x0, em que o atacante Nilson, que por coincidência teve passagem pelo São Bento e que é citado em duas reportagens do GloboEsporte.com, com os títulos de “Após perder gol incrível, santista Nilson é cornetado pelo ex-clubes” e “Após erro bizarro, apresentação de Nilson ‘viraliza’ em rede social”, erra um gol sem goleiro, chutando para fora. Logo após a lembrança desse momento, o Nilson Duarte intervém e fala que foi pior.

*CAIO ROSSINI: A lá Nilson na Copa do Brasil jogando pelo Santos.*

*NILSON DUARTE: Pior!*

*CAIO ROSSINI: Pior ainda, porque ele tava no mano a mano, não tinha ninguém nem perto. E isso inflama a torcida do São Bento. Ele dribla o Zé Carlos, adianta a bola demais e, no que ele corre para tentar evitar a saída e botar a bola pra dentro sem goleiro, ele vai catando cavaco e cai de boca no chão. Bola vai pra fora, São Bento se salva, segue só 1 a 0 pro Oeste.*

Por fim, o narrador, em um momento de alívio e empolgação, exclama “Bora São Bento!”, para retratar como o gol perdido teve um propósito além do material, de aumentar (ou não) o placar, mas também como uma força a mais para o clube e para o torcedor em casa e no estádio, supondo uma chance de redenção que não pode ser desperdiçada, além de uma volta a uma frase típica do meio do futebol: quem não faz, leva.

Ao trazer para o lado da análise voltada a memória e emoção pessoal no instante presente no estádio, esse momento foi uma sequência de emoções intensas em poucos segundos, partindo do desespero e da desesperança, em ter que ver o clube mais um ano na segunda divisão após ter chegado longe, e de frustração, por ver um possível momento em que o esforço de uma viagem a outra cidade foi em vão e a história de uma possível reviravolta iria terminar ali.

Essa emoção foi tomada pela surpresa incrédula, em que o gol perdido gerou em mim e na torcida uma pequena fração de tempo um silêncio de incompreensão do que tinha ocorrido, até um estouro desse estado de estase para o alívio e a catarse do clube ter recebido, como se por providência divina, destino ou mero acaso, mais uma chance para voltar ao jogo e reverter o resultado para pelo menos o empate. A partir desse momento, a torcida (o autor incluso) não parou de cantar por um instante, cada vez mais alto e com mais ansiedade.

#### **4.2.3 3º Momento: Gol do São Bento**

O terceiro momento analisado parte de, talvez, o momento mais emblemático do jogo em tempo regulamentar, caracterizado pela potência das emoções de toda tríade, em suas reações e momento-chave de uma “virada de chave”. Esse momento em que o São Bento, após tentar o empate por todo o jogo, sentindo a pressão do tempo da partida apertando, e, aos cinco minutos do tempo de acréscimo ao tempo regulamentar do segundo tempo, conseguiu empatar a partida e levar o jogo para a disputa de pênaltis, em uma cabeçada de Serginho.

O momento se inicia na cobrança de escanteio pelos pés de Victor Bolt, que cruza a bola em ângulo fechado, com o jogador do Oeste afastando a bola, que volta para Victor Bolt, que cruza novamente, agora na posição onde Serginho estava. Serginho sobe sozinho na bola, sem marcação, e cabeceia para o chão, com a bola voltando para cima, tirando a possibilidade da defesa do goleiro Fernando Henrique.

Após o lance, os jogadores em campo, os jogadores que estavam no banco de reservas e a equipe técnica comemoram de forma eufórica, com gritos e abraços, por uma suposta “superação” do improvável, com o autor do gol apontando para si e, em uma leitura labial, interpreta-se que seja “Eu tô aqui”. A equipe do São Bento volta ao jogo energética e tentando segurar o placar, enquanto o time do Oeste está visivelmente abatido.

Em seguida desse momento, apesar de não estar selecionado, é interessante mencionar a confusão no último minuto de jogo, com discussões entre os jogadores e a entrada do técnico Sérgio Lelé em campo, algo não permitido, porque, apesar da partida parada, essa ainda não havia se encerrado. Houve então a expulsão do técnico pelo juiz, também após ofensas relatadas na súmula da partida. Após a anunciação da expulsão, o técnico entra em revolta e tenta ir atrás do árbitro, mas é contido pelos atletas do Oeste. Esse momento e os minutos antes da disputa de pênaltis evidenciam como o clube do Oeste estava com a “moral baixa”.

A narração de Nilson Duarte nesse instante está ainda mais emocional e voltada a frases, memórias, bordões e conexões com momentos e símbolos da torcida e do clube. Ele cita o tempo do jogo, chama o ouvinte “amigo torcedor”, faz um chamado de ação ao atleta que fez a assistência para o gol, com “Capricha, Bolt!”, descreve a jogada de maneira rápida e tem a explosão do momento do gol, onde exclama para o torcedor para vibrar com ele pelo gol marcado, antes mesmo do tradicional grito, nesse caso um literal grito, de gol.

*NILSON DUARTE: Vem comigo nessa, amigo torcedor, marca de 50, temos 3 minutos para o fim da partida. O São Bento tem cobrança de escanteio, Victor Bolt*

*veio a meia altura, tira a defensiva, a sobra com Victor Bolt, capricha Bolt! Mais um cruzamento na área, de cabeça. VEM VIBRAR COMIGO AMIGO TORCEDOR! VEM VIBRAR COMIGO AMIGO TORCEDOR!*

Inclusive, no momento que sai o gol, além da emoção esbravejada pelo narrador, Gustavo Gebaile, o comentarista, que é uma posição mais analítica e técnica de uma equipe de transmissão esportiva, também é levado em um momento de catarse e grita gol em tal volume a ponto de ser captado pelo microfone do narrador. Nilson Duarte, em tamanha emoção, não conseguiu ver quem tinha feito o gol em um primeiro momento, precisando do auxílio do repórter de campo para passar a informação.

*NILSON DUARTE: GOOOOOOOOOOOOL! É DO SÃO BENTO, É DO SÃO BENTO! NADA VEM FÁCIL PARA O SÃO BENTO! Pintou bola alçada na área, no segundo pau, no meio da bagunça! Eu não vi quem foi, me ajuda ai, Rossini!*

*CAIO ROSSINI: Serginho!*

Após a informação do Caio Rossini, Nilson Duarte volta a emoção do primeiro momento e cita alguns de seus bordões já marcados na história, tanto de suas narrações e do público que o acompanha, como “Nada vem fácil para o São Bento”, inclusive repetindo alguns pela emoção e pela explosão catártica do momento, como o “Fatal”, que segue o nome dos jogadores que fizeram gol. “A novinha na casinha do Oeste”, como uma forma simbólica de dizer que a bola entrou no gol do Oeste, além de citar duas vezes que o São Bento e seu sonho do acesso continua vivo, em um momento limite para resolver um placar adverso.

*NILSON DUARTE: SERGINHO, FATAL! PRA GALERA DO SÃO BENTO FAZER A FESTA AQUI NA ARENA BARUERI! NA MARCA DE 50, 50 MINUTOS DESTE SEGUNDO TEMPO! A NOVINHA NA CASINHA DO OESTE! NADA VEM FÁCIL PARA O SÃO BENTO! O SÃO BENTO ESTÁ VIVO, AMIGO TORCEDOR! SERGINHO, FATAL! ANOTE O TEMPO DO GOL, CINQUENTA E UM DO SEGUNDO TEMPO, PRA GALERA DO SÃO BENTO CURTIR E COMPARTILHAR AQUI NA ARENA BARUERI E APRECIAR SEM MODERAÇÃO O PLACAR AGORA. O SONHO DO ACESSO CONTINUA VIVO, SERGINHO FATAL! A NOVINHA NA CASINHA DO OESTE, ROSSINI!*

Mesmo após esse primeiro momento de forte emoção, como um veículo de imprensa e que necessita da clareza da informação, junto da dimensão comunicativa do afeto presente nesses instantes, Caio Rossini, após ter informado quem teria feito o gol, volta para descrever de forma precisa aos ouvintes o que aconteceu na jogada, sem perder a empolgação do narrador e de toda a equipe.

*CAIO ROSSINI: Cruzamento na grande área, primeira trave, o Alan tira. Sobra pro Victor Bolt, ele ajeita com carinho e põe no meio da grande área, na primeira trave, Serginho sobe mais alto que todo mundo e como um centroavante, cabeceio forte, preciso. Fernando Henrique pula, não acha nada, a bola morre na bochecha da rede do lado direito do Fernando Henrique. O São Bento empata o jogo, o São Bento empata com Serginho! Tá um a um na Arena!*

Tentar descrever esse momento com base nas memórias e a emoção do que aconteceu no momento do gol se transforma em uma tarefa difícil, justamente pela forte presença de emoção e do que foi sentido ou lembrado nesse mesmo momento. Antes do gol, a torcida continuava a cantar, cada vez mais intensamente e com um clima de ansiedade e alguns com a certeza que o gol iria sair em algum momento.

No cruzamento que resultou no gol, pelo motivo do gol do Oeste no segundo tempo ser no outro lado do estádio se comparado a arquibancada visitante, a visão era um pouco limitada, porém a visão da bola “estufando as redes” é uma visão inconfundível, com visão clara do jogador (sem conseguir identificá-lo em um primeiro momento) subindo para cabecear a bola.

No momento do gol, a expressão suprema de felicidade de uma torcida em um jogo de futebol, ainda mais em um momento de tensão, foi comemorada de forma intensa por toda a torcida, com o grito de gol ecoando por todo o estádio. Torcedores se abraçaram, caíram no chão, choro de alegria, ligações para amigos que não estavam no estádio, gravações de vídeos e fotos foram registrados. A torcida, imediatamente, começou a cantar ainda mais alto, dominando de forma total o estádio, apoiando o clube, que no momento estaria com a “moral mais alta”.

O autor dessa pesquisa, no momento do gol, caiu de joelhos e não acreditou no gol no primeiro momento, por ter visto pela segunda vez na vida uma virada de resultado inacreditável do clube do coração. Chorou um pouco, sentiu uma alegria incontrolável no coração, gritou junto do narrador e junto da torcida o gol, abraçou e comemorou com camaradas de arquibancada o momento único. Como de costume, cantou ainda mais, já que já tinha cantado o jogo todo, mesmo nos momentos adversos. A questão da disputa de pênaltis, mesmo que ainda fosse mais uma decisão dentro do jogo decisivo, estava com o sentimento de confiança e determinação compartilhada por toda a torcida, o clube e a imprensa.

#### **4.2.4 4º Momento: Disputa de pênaltis**

O momento selecionado é o ponto decisivo do pós-partida regulamentar, que após o empate seguiu diretamente para a disputa de penalidades, conforme o regulamento do campeonato, sem prorrogação do tempo. Entre os momentos selecionados, é o mais longo,

então a descrição irá ser dos momentos-chave dessa disputa, que serão: o primeiro pênalti do Oeste, o primeiro pênalti do São Bento, o segundo pênalti do Oeste, o segundo pênalti do São Bento, o quarto pênalti do São Bento e o quinto e último pênalti do Oeste.

Toda a disputa de pênaltis é permeada pela tensão dos momentos finais do primeiro tempo, com o time do São Bento em uma ascendente de emoções pelo gol no “apagar das luzes” do segundo tempo, enquanto o time do Oeste vêm de uma decrescente, por ter aberto o placar e ter se defendido de maneira efetiva até o final do segundo tempo, além do gol perdido por um dos colegas de equipe e pelo treinador expulso em um surto de descontrole das emoções. Outro aspecto digno de nota é que a escolha do lado em que os pênaltis seriam batidos foi para o lado aonde a torcida beneditina estava, criando ainda mais pressão sobre a equipe do Oeste, já nervosa, e um apoio gigante para os jogadores de camisas alvicelestes, cantando seus nomes e os cânticos tradicionais dos são-bentistas.

No primeiro pênalti, Rafael Luz, jogador do Oeste, coloca a bola para cobrar a penalidade, mas é interrompido por uma inconsistência no campo, que estava com um buraco próximo da marca de pênalti que fazia a bola não estar parada, condição essencial para o pênalti, fazendo a primeira cobrança atrasar alguns instantes até ser acertado entre o juiz, o cobrador e os goleiros, para definir que o pênalti seria batido um pouco a frente. Após essa breve conversa, o jogador do Oeste voltou a posição de onde iria correr para realizar a primeira cobrança, com o goleiro Zé Carlos do outro lado esperando a cobrança e “lendo” o que o adversário iria fazer na batida. O juiz autoriza a cobrança, Rafael Luz corre para chutar a bola, com a perna direita, e fez o que pode ser considerado um pênalti ruim, chutando de forma fraca e rasteira no canto direito, perto do meio do gol, com o goleiro Zé Carlos pulando com antecedência para o local batido e defendendo o primeiro pênalti do Oeste.

Ao analisar a transmissão no momento do pênalti, é visível a tensão e ao mesmo tempo a empolgação da equipe em estarem transmitindo um dos momentos-chave da história do São Bento, com falas de “é agora” e a criação de frases que seriam citadas ao longo de todas as cobranças e definiram o que aconteceria na disputa, de forma quase “poética”. A frase em questão, e que ficou marcada nesse momento e na partida como um todo do espectador que estava ouvindo a transmissão da rádio é “Bora ser herói, Zé Carlos!”

*CAIO ROSSINI: [...] É agora, Nilson! Valendo o acesso a disputa de pênaltis entre São Bento e Oeste.*

*NILSON DUARTE: Vai para a primeira cobrança, é o Rafael Luz. Vai caminhando, ele entrou no segundo tempo. Bora! Bora ser herói, Zé Carlos! Rafael Luz entrou,*

*a bola vai ficar... Agora, quatro bolas, que esconderam durante todo o segundo tempo, estão posicionadas próximo a torcida do São Bento também. É um pedacinho do Walter Ribeiro (estádio de Sorocaba) aqui na Arena Barueri. Vai começar a decisão para a vaga na decisão e para a vaga na primeira divisão, amigo torcedor. No tempo normal, Oeste 1, São Bento também 1. Vai começar a cobrança dos pênaltis.*

O primeiro momento, em que a bola não consegue ficar parada na marca dos pênaltis, é comentada com certo questionamento sobre a decisão da arbitragem, citando que “pau que bate em Chico, tem que bater em Francisco”, uma expressão que significa nesse contexto que a decisão da arbitragem para um lado deve ser a mesma para o outro. Após esse imbróglio, a disputa é retornada, citando o nervosismo da batida, a pressão da torcida até a defesa de Zé Carlos, comemorada e expressada de forma intensa pelo narrador, mas ainda sem a explosão catártica das próximas penalidades.

*NILSON DUARTE: Rafael Luz de um lado, Zé Carlos do outro, próximos da torcida do São Bento. Bora ser herói, Zé Carlos! Autorizado, tomou distância, ele vem na perna direita, ele entrou no segundo tempo, a torcida do São Bento faz pressão. Autorizado, vem Rafael Luz, perna direita na bola, bateu pro gol. Zé Carlos! Zé Carlos! Pula no canto esquerdo, faz a defesa! O Oeste desperdiça a primeira cobrança, Rossini!*

Caio Rossini segue após o chamado de Nilson Duarte para seguir o padrão da descrição precisa de cada momento-chave, citando como a cobrança de Rafael Luz foi previsível para quem estava vendo e para o goleiro da equipe do São Bento. Logo em seguida, ele já anuncia quem cobraria para a equipe do São Bento, que seria o volante Lucas Lima.

*CAIO ROSSINI: E ele telegrafou demais o canto, até eu que não sou goleiro percebi que a bola ia para o canto esquerdo. Zé Carlos pulou um pouquinho antes, no que a bola saiu do pé do Rafael Luz, Zé Carlos já tava inteira nela. Defendeu e não deu nem rebote, bela defesa do Zé Carlos. O São Bento defende a primeira cobrança, Lucas Lima vem agora para o Azulão.*

Numa visão mais voltada a análise metapórica, na espera pela cobrança, a torcida continuava a cantar de forma intensa, ainda mais quando anunciado a cobrança dos pênalti no gol que a torcida estava atrás, criando um cenário de terror para o cobrador do Oeste e um cenário de apoio e determinação para o jogador do São Bento. No momento do pênalti, todos ficam atentos, mesmo que cantando. No momento da defesa do Zé Carlos, que já estava tendo o nome cantado pela torcida como forma de apoio, teve o nome cantado ainda mais alto, após a comemoração da defesa decisiva. Naquele instante, mais determinação e um forte sentimento

de certeza começou a se estabelecer, mesmo que para o autor da pesquisa, um tanto supersticioso em partidas e que não gosta de estabelecer como definida a partida até o seu fim.

No pênalti de Lucas Lima, o primeiro da equipe do São Bento, o jogador ajeita a bola na marca “não oficial” de pênalti, e se afasta para o momento da cobrança. O juiz autoriza, o jogador caminha com calma para a bola e chuta no canto direito, deslocando o goleiro do Oeste Fernando Henrique para o outro lado, garantindo o gol para a equipe beneditina, que saiu com vantagem de um gol em relação ao adversário que errou a primeira cobrança. O jogador, após a cobrança, vira para trás, faz o sinal da cruz e volta aos companheiros no meio de campo.

Antes de citar a narração do pênalti em si, é interessante notar o contexto de Lucas Lima na equipe do São Bento, citado por Nilson Duarte como a “joia da base”, isso é, um jogador revelado pelo clube em seus times de formação, e que manteve o vínculo com o clube, representando e jogando bem ao longo do campeonato. Ao criar essa identificação do jogador com todo o time, todos os elementos do clube estabelecem ele como um dos símbolos dos jogadores e da instituição, tanto pelo clube, que vê no jogador o valor de uma formação prolongada; pela torcida, que vê no jogador um elemento que retorna as raízes afetivas do clube; e a imprensa, que vê no jogador esse símbolo, que pode ser utilizado como elemento narrativo das estratégias sensíveis utilizadas por uma transmissão de rádio, como nessa pesquisa. A partir dessa história afetiva contada pelo locutor, ele conta a trajetória do atleta no campeonato, cita que toda a região está apoiando o jogador e narra o que aconteceu na cobrança do pênalti.

*NILSON DUARTE: É a cria da base, marcou dois gols contra o XV de Piracicaba, marcou gols no início do campeonato também, no empate importante diante do Primavera de Indaiatuba. Toda a região metropolitana de Sorocaba com você nessa, para colocar o São Bento em vantagem. Capricha, Lucas Lima! Ele vem na perna direita, toma menos distância, encara o goleiro Fernando Henrique. Autorizado, vem o Lucas Lima, perna direita na bola, vem caminhando, perna direita, bateu pro gol, é gol! Gooooool do São Bento! Lucas Lima, camisa número oito, fatal! Deslocando o Fernando Henrique, Rossini!*

Novamente, o repórter puxa o gancho do narrador para descrever como foi a cobrança de forma clara e anunciar quem vêm para a próxima cobrança, dessa vez pedindo ajuda do Nilson Duarte.

*CAIO ROSSINI: Fernando Henrique para a direita, Lucas Lima para a esquerda. Bola sem aparecer na foto o goleiro da equipe do Oeste. Bem batido, ele foi caminhando, esperou o goleiro do Oeste definir o canto e empurrou do outro. Zé Carlos vem agora para a defesa, eu não consigo ver quem é.*

*NILSON DUARTE: Léo Ceará.*

*CAIO ROSSINI: Léo Ceará, dez, vem na bola. Zé Carlos contra Léo Ceará, vai começar a segunda penalidade da sequência de cinco.*

Ao ver a cobrança do São Bento e a confirmação da vantagem da equipe do São Bento na disputa, a torcida comemorou ainda mais e cada vez mais demonstrava mais apoio e mais confiança. Já é um momento onde praticamente todos os torcedores estão de pé, demonstrando atenção e empolgação com os próximos pênaltis. Na análise metapórica, a certeza e a confiança que iríamos ser promovidos para a primeira divisão paulista aumentava cada vez mais.

Ao irmos para a segunda cobrança da equipe do Oeste, vemos o jogador que pode ser considerado um dos mais decisivos das partidas, Léo Ceará, está indo cobrar o segundo pênalti da série. Mesmo com a moral da equipe de Barueri mais baixa, a escolha de um jogador destaque pode ser defendida como escolha lógica. No entanto, ao partir para a cobrança, comete erros parecidos com a primeira cobrança do Oeste, apesar de correr com menos clareza de onde iria chutar, mas bate no exato mesmo canto do pênalti perdido, agora num chute mais forte e a “meia altura”, da trave. Zé Carlos, novamente, pula no mesmo canto, conseguindo ler de que forma o batero iria cobrar e defende mais uma cobrança, agora elevando a vantagem para dois gols na disputa.

Nilson Duarte cita que o jogador é o “craque” da equipe do Oeste, citando os dois gols, considerados belos, de cada um dos jogos, mas reforça novamente a importância de Zé Carlos na batida, repetindo a frase “Bora ser herói, Zé Carlos!”, com a mesma sequência de descrição da primeira defesa de pênalti de Zé Carlos, repetindo o nome dele em uma consagração de mais uma defesa do goleiro, puxando o gancho para a descrição de Caio Rossini, que descreve de forma clara a cobrança, anunciando o próximo batero da equipe do São Bento. A descrição é interrompida por um pigarro na voz de Rossini, fato que é alvo de humor do narrador.

*NILSON DUARTE: É o craque do time do Oeste, marcou dois belos gols nesse confronto, um em cada estádio. Mas agora, é ele de um lado e Zé Carlos do outro. Bora ser herói, Zé Carlos! Tomou pouca distância o Léo Ceará, autorizado, é mais um que vem na perna direita. Autorizado, Léo Ceará bateu. Zé Carlos! Zé Carlos! Zé Carlos! Canto esquerdo ele se joga na bola e defende mais uma, Rossini!*

*CAIO ROSSINI: E parece um repeteco da primeira penalidade. Léo Ceará telegrafou que bateria no canto esquerdo, o Zé Carlos foi muito bem. Pulou no canto esquerdo, espalmou a bola, segunda defesa do goleiro do São Bento. Até agora Oeste com 0% por cento de aproveitamento. Agora vem Serginho (pigarro), Serginho.*

*NILSON DUARTE: Se você está sim, imagina eu.*

Ao ver mais uma cobrança defendida e ter a vantagem da equipe beneditina aumentada, a torcida canta ainda mais, já consagrando em seu afeto o goleiro Zé Carlos como um herói na história do time, cantando ainda mais alto o seu nome e os cânticos tradicionais dos torcedores, muitos já com a certeza absoluta que o clube subiria. O sentimento de certeza e confiança nessa comemoração desses três momentos seguidos, que fortaleceriam ainda mais tais emoções no autor.

O quarto pênalti da disputa, o segundo da série para o São Bento, é cobrado a partir do autor do gol do São Bento, Serginho. Ele ajeita a bola, toma distância, é autorizado para a cobrança e corre calmamente para a bola, chutando no ângulo esquerdo de Fernando Henrique, que caiu novamente para o outro lado da cobrança. A bola, apesar de ter entrado precisamente, subiu de forma inesperada e, dependendo do ângulo, poderia achar que a bola poderia ir para fora.

Na narração de Nilson Duarte, ele conta mais uma história sobre o jogador que irá cobrar o pênalti, nesse caso Serginho, que é citado que teve a carreira reiniciada ao entrar para o clube no ano anterior e que foi decisivo ao longo do campeonato, mas teve uma lesão que o prejudicou, conseguindo superar as adversidades e jogar e ser decisivo na semifinal, com o gol de empate vindo de sua cabeçada. Ele é apoiado pelo narrador, que narra o momento da cobrança e vibra junto do gol, que confirma a vantagem de dois gols da equipe do São Bento na disputa.

*NILSON DUARTE: Serginho, uma das melhores histórias desse elenco. Chegou no ano passado, recomeçou a carreira com a camisa do São Bento, começou muito bem o Campeonato Paulista da Série A2, sofreu uma lesão, fez falta. O momento em que o São Bento mais oscilou na competição foi quando ele não pôde estar em campo, antes de chegar até o Victor Bolt, que também entrou bem hoje. Vem o Serginho para a cobrança, autor do gol no tempo normal. Toma distância o Serginho. Capricha Serginho! De um lado Serginho, do outro lado Fernando Henrique, é mais um que vem com a perna direita. Já tá autorizado, encarou, vem Serginho, perna direita na bola, bateu pro gol, é gol! Gooooool do São Bento! Serginho camisa número 16, fatal! No ângulo do Fernando Henrique, é mais uma que ele não saiu no pênalti, Rossini!*

Cairo Rossini descreve como foi a cobrança, destacando como a cobrança foi um “golaço de pênalti”, mas que também teve a impressão que a bola poderia ir para fora. Ele segue com o anúncio do próximo cobrador do Oeste.

*CAIO ROSSINI: E o Serginho tá aí para mostrar que tem golaço de pênalti, né? A bola parecia que ia bater na forquilha, mas ela baixou um pouquinho antes de bater trave e morreu no ângulo. Um pênalti muito bem batido pelo Serginho. Vem para a cobrança, quem que é, Nilson?*

*NILSON DUARTE: Popó.*

*CAIO ROSSINI: Popó. Popó contra Zé Carlos. É, já pegou dois, vai começar a sequência de três, a terceira da sequência de cinco. O São Bento vence 2 a 0, Popó contra Zé Carlos.*

No segundo gol da disputa, esse “susto” foi notado até na comemoração da torcida, que comemorou de forma aliviada, mas um pouco em dúvida de como a bola entrou, apesar da forma que entrou. Ainda assim, a certeza de que Zé Carlos defenderia mais um pênalti era grande. O autor da pesquisa se assustou e pensou por um breve instante que o pênalti havia sido perdido, mas ficou aliviado e voltou a vibrar e cantar com a torcida.

Os três pênaltis em diante, sendo dois do Oeste e um do São Bento, serão citados como pênaltis bem cobrados e garantindo o gol em cada um deles, mantendo a pressão para a quarta cobrança do São Bento, dessa vez nos pés de Foguinho. Se definisse a cobrança, pela equipe do São Bento estar com dois gols de vantagem, a cobrança acabaria. Mas citando uma das frases chave do narrador, “nada vem fácil para o São Bento”.

Foguinho vem para a cobrança, é autorizado, corre para a bola e não consegue concluir a disputa de pênaltis. O chute do jogador beneditino veio forte no canto direito, a meia altura, mas com o goleiro Fernando Henrique conseguindo ler em qual lugar seria batida a cobrança, definindo que os pênaltis iriam para a sua última série de cinco.

Na narração, Nilson Duarte cita como aquele chute poderia ser o gol do acesso e chama o torcedor a estar junto dele na narração e comemoração. Ele cita a vinda de Foguinho para o clube, no meio do campeonato, mas assumindo um papel de protagonista e de chegar com a postura de ídolo do clube, e da a certeza que Foguinho irá finalizar a disputa. No entanto, ele erra e, como diz na narração, “o Oeste respira”. Após a cobrança e a descrição do lance, é anunciado o jogador que baterá a quinta cobrança, Bruno Miguel.

*CAIO ROSSINI: Foguinho para a quarta cobrança de cinco, vem na bola ele contra Fernando Henrique.*

*NILSON DUARTE: Vem comigo nessa, amigo torcedor, sozinho eu não dou conta. Pode ser a bola do acesso. Foguinho, também chegou no meio do campeonato, chegou dando entrevista como se fosse ídolo há muito tempo. E pode cravar seu nome na história do São Bento. Capricha, Foguinho! Sou mais você, Foguinho!*

*Ele toma distância, Fernando Henrique tenta a catimba. Vem comigo nessa, se o São Bento fizer, o São Bento sobe. Foguinho, autorizado, ele vem na bola canhota, se posiciona, capricha Foguinho! Perna direita, bateu pro gol, Fernando Henrique! Cai no canto esquerdo, espalma Fernando Henrique. O Oeste respira, Rossini.*

*CAIO ROSSINI: Bola forte, à meia altura, no canto esquerdo. Fernando Henrique foi bem, acertou o canto, apesar do chute forte, Fernando Henrique fez a defesa. E vamos para a última sequência de pênaltis, quem vem aí Nilson? Que você vê o número, eu não consigo.*

*NILSON DUARTE: Eu não sei quem vem, o Sérgio Motta saiu?*

*CAIO ROSSINI: Saiu, saiu.*

*NILSON DUARTE: Não sei quem vem. É o 17.*

*CAIO ROSSINI: 17, 17 entrou no segundo tempo.*

*NILSON DUARTE: Bruno Miguel.*

Nesse momento, a torcida ficou apreensiva e com a certeza de que já seria definido um pouco quebrada, mas ainda cantando e apoiando o clube e, principalmente, o goleiro Zé Carlos, para que ele pudesse fazer a defesa que fecharia a série. Este autor, ficou tenso nesse momento, pensando que tudo poderia dar errado, mesmo com duas defesas do goleiro do São Bento.

No lance, Bruno Miguel, que entrou no final do segundo tempo e não teve minutos para mostrar muito de seu jogo, decidiria se os pênaltis acabariam ali, com o seu erro, ou que iriam para o último cobrador. Bruno Miguel pega a bola, ajeita na marca do pênalti, pega distância, é autorizado pelo árbitro, corre para a bola e chuta forte, no canto esquerdo, à meia altura. No entanto, Zé Carlos acerta o canto que o jogador do Oeste iria chutar e consegue espalmar a bola para o canto de fora, finalizando a disputa de pênaltis e consagrando o acesso da equipe do São Bento para o Campeonato Paulista Série A1 de 2023. Os jogadores do São Bento correm comemorando, em direção ao goleiro Zé Carlos, enquanto os jogadores do Oeste, incluindo o cobrador, lamentam de cabeça baixa a oportunidade perdida.

Na narração, Nilson Duarte cita a posição dos jogadores de cada equipe, perfilados em linha e se abraçando, com os jogadores do Oeste de joelhos e do São Bento em pé. Ele reforça novamente para o goleiro Zé Carlos se tornar o herói do acesso, e descreve o momento da cobrança. Quando Zé Carlos defende, a empolgação e comemoração catártica é interrompida por uma breve queda de sinal, mas que não deixa a mobilização do afeto na dimensão

comunicacional ser interrompida, aparecendo mais como elemento da comunicação que um ruído.

*NILSON DUARTE: Bruno Miguel, entrou e pouco pegou na bola. Os jogadores do Oeste de joelhos, os jogadores do São Bento abraçados. O Bruno Miguel vem na perna direita. Bora ser herói Zé Carlos! Vem o Bruno Miguel, tomou pouca distância, se ele não fizer acaba. Vem o Bruno Miguel, já autorizado, perna direita na bola, bateu pro gol. ZÉ CARLOS! ZÉ CARLOS!*

*(INTERRUPÇÃO NO SINAL)*

Nesse momento, o autor, a torcida, e os jogadores comemoraram em sua forma máxima, com a consagração definitiva de Zé Carlos como herói do acesso e do retorno a elite após um ano da queda, diante de adversidades e fortes adversários. Gritos de comemoração, abraços, lágrimas, cantos, gravações, fotos e ligações fizeram parte da comemoração do momento da terceira defesa.

#### **4.2.5 5º Momento: Comemoração do Acesso**

Nesse instante, a narração dos radialistas e a comemoração, tanto da torcida do São Bento e da equipe, eram ecoadas pelo estádio, refletindo na emoção do momento. As músicas eram cantadas por toda a torcida, os jogadores celebravam entre si e o narrador citava, após o retorno do sinal, a comemoração e o mérito do retorno à primeira divisão paulista, referenciando o “jogo da marmelada”, citado anteriormente, e trazendo uma marmelada (um tipo de doce), que divide presencialmente com o comentarista e simbolicamente com toda a equipe, parte em campo, parte em Sorocaba.

A narração faz referência a frases ditas e assinadas pela torcida, como “Tradição não se compra”. Ele cita, dentro dessa tradição da equipe, já centenária, no futebol paulista e brasileiro, que o dinheiro “pode comprar muitas coisas no futebol”, mas que essa tradição não pode ser comprada por valor monetário algum. A marmelada surge como símbolo de uma injustiça, agora vingada pela torcida, pelo clube e pela imprensa.

*(VOLTA SINAL)*

*NILSON DUARTE: O SÃO BENTO SUBIU, AMIGO TORCEDOR! ZÉ CARLOS! VEM SER HERÓI! RESPEITA A HISTÓRIA DO SÃO BENTO! RESPEITA A HISTÓRIA DO SÃO BENTO! ZÉ CARLOS! AVISA AI AMIGO TORCEDOR, O SÃO BENTO SUBIU! ZÉ CARLOS CAIU NO CANTO DIREITO, ESPALMA ZÉ CARLOS! EXPLODE A ARENA BARUERI! A TORCIDA DO SÃO BENTO FAZ A*

*FESTA! AVISA AI AMIGO TORCEDOR, O SÃO BENTO É DE PRIMEIRA! ZÉ CARLOS” CAIU NO CANTO DIREITO! OS JOGADORES DO SÃO BENTO FAZEM A FESTA! OS JOGADORES DO OESTE SAEM CABISBAIXOS! E SABE O QUE EU DIGO, COMPRA-SE MUITA COISA NA HISTÓRIA DO FUTEBOL. COMPRA-SE ESTRUTURA, COMPRA-SE BONS TIMES, COMPRAM-SE ATÉ VITÓRIAS. MAS TRADIÇÃO NÃO SE COMPRA! E O SÃO BENTO É TRADICIONAL! O SÃO BENTO ESTÁ DE VOLTA, AMIGO TORCEDOR! O SÃO BENTO VOLTA PARA A PRIMEIRA DIVISÃO, DE MANEIRA HISTÓRICA, EMPATANDO O JOGO AOS 51 MINUTOS! E O COM ZÉ CARLOS! VEM SER HERÓI ZÉ CARLOS! LEMBRA DE 2008, O JOGO DA MARMELADA? EU VOU PASSAR PRO CAIO ROSSINI E VOU DIVIDIR AQUI COM O GUSTAVO GEBAILÉ, EU TROUXE UMA MARMELADA PRA NOSSA CABINE. A MARMELADA ESTÁ AQUI, ESTÁ VINGADO!*

A descrição de cada um desses momentos já evidencia o afeto na comunicação. Mas, para além disso, a proposta deste trabalho foi perceber a dimensão comunicacional do afeto. Na perspectiva construída para esta pesquisa, pensamos que a comunicação não se resume nem ao rádio como mídia, nem à narração como conteúdo, pois está relacionada ao modo de construir o afeto socialmente, no caso ligado ao futebol. Por isso, no próximo tópico vamos sintetizar alguns elementos propriamente comunicacionais nos afetos do futebol, segundo a análise realizada.

### **4.3 Categorias comunicativas do afeto**

Ao abordar cada um desses momentos-chave, é possível compreender algumas categorias afetivas aplicadas na dimensão comunicacional pelos três elementos da tríade. Ao pensarmos tal categorização, elaboramos sete categorias comunicativas do afeto, que podem convergir entre si, mas estão subdivididas para fins analíticos, podendo ser aplicadas aos diversos instantes da partida, interpretadas pelo clube, pela imprensa e pela torcida.

Nesse último tópico da análise, o debate será dividido em sete seções para evidenciar, explicar, exemplificar e interpretar os momentos descritos acima a partir, agora, de uma visão da dimensão comunicacional do afeto, são eles: signos da emoção, gradiente de confiança, reações abruptas, remições, dinâmicas de tradição e memória, “panteasização” e tecnicidades.

#### **4.3.1 Signos da emoção**

Ao abordar esse primeiro ponto, é preciso entender o que são esses “signos”, no significado mais amplo voltado a sinais, e como as emoções passadas por esses signos específicos podem ser parte do afeto voltado à comunicação, podendo atingir tanto um aspecto

mais geral, entre todos os elementos que compõem a tríade de um clube, ou específicos de cada um.

No primeiro momento, é possível citar o grito e a exclamação, signos de uma emoção exacerbada, que precisa ser solta em seu ato mais poderoso da voz humana, que podem ser classificados em contexto geral, como no momento absoluto de alegria dos apoiadores (aqui leia-se a tríade) de um time, o gol. Tanto os narradores, os torcedores mais animados e os mais calados, os jogadores em campo e a equipe no banco de reserva exclamam no momento do gol. A exclamação pode ser um grito de um único fanático quanto o conjunto de toda uma torcida, quanto para o narrador e seus colegas comentaristas e repórteres de campo, como acontece no momento do gol de empate do São Bento. Nesse instante, o som do grito de gol da torcida do São Bento ecoa no estádio junto da equipe na cabine.

*NILSON DUARTE: Mais um cruzamento na área, de cabeça. VEM VIBRAR COMIGO AMIGO TORCEDOR! VEM VIBRAR COMIGO AMIGO TORCEDOR!*

*GUSTAVO GEBAILÉ (ao fundo): GOL! GOL! PORRA!*

*NILSON DUARTE: GOOOOOOOOOOOOL! É DO SÃO BENTO, É DO SÃO BENTO! NADA VEM FÁCIL PARA O SÃO BENTO!*

Ao mesmo tempo, no momento do jogo em que o tempo restante para reverter o placar vai diminuindo e o clube se mostra mais tenso em campo, a pressa e uma sensação de aceleração toma a torcida e a equipe da transmissão, lembrando em intervalos mais curtos o tempo do jogo e também em expressões que refletem essa pressa, como “Bora São Bento!”, que é falado por Nilson Duarte após o Oeste perder o gol claro, como uma empolgação. Além de recursos verbais, das frases e expressões, a própria intensidade e a ansiedade de todos fica presente no estilo da locução, reforçando esse aspecto de pouco tempo restante e também as emoções de uma torcida mais impaciente e nervosa pelo placar não mudar perto do fim da partida.

Mas, se partirmos para um ponto específico da locução, em que os signos são utilizados pelo narrador e sua equipe para utilizar das estratégias sensíveis, citadas por Sodré (2006), como meios de mobilizar o afeto dentro do contexto comunicativo, temos a questão da reiteração, que é o ato de repetir uma frase, uma fala, para reforçar um aspecto que o locutor, em sua emoção, avalia como importante. No caso de Nilson Duarte, na disputa de pênaltis, a frase “Vem ser herói, Zé Carlos!” é repetida para todos os pênaltis que o time do Oeste iria cobrar, para o reforço da importância do goleiro para a vitória e promoção para a primeira divisão paulista. A

cada repetição da frase e conseqüente defesa de Zé Carlos, Nilson repete a frase com mais intensidade, elevando a um status heroico, que será a base de uma das categorias.

Outro signo da emoção identificada na narração radiofônica de jogos de futebol e utilizados em peso nessa transmissão são os bordões, utilizados para fidelizar um ouvinte já tradicional e aproximar a nova audiência. Frases como “VEM VIBRAR COMIGO AMIGO TORCEDOR!”, chamando o ouvinte e torcedor a comemorar com o narrador, o acréscimo da palavra “Fatal”, ao nome de quem fez o gol, indicando a qualidade de alguém que fez o ponto único do futebol, que é o gol, e tantas outras falas indicam esse aspecto de símbolo emocional presente nas narrações.

O terceiro elemento presente na transmissão do jogo, que pode parecer deslocado da realidade de uma transmissão radiofônica tradicional, são inserções não-verbais, como tosse e pigarro, que aconteceu por meio da tensão e do foco absoluto no segundo tempo pelo repórter Caio Rossini, que leva de forma bem-humorada a brincadeira do narrador, que comenta se o repórter está assim, imagina ele (o narrador).

*CAIO ROSSINI: Agora vem Serginho (pigarro), Serginho.*

*NILSON DUARTE: Se você está sim, imagina eu.*

*CAIO ROSSINI: Mas é um pigarrinho, é que eu não tomei água o segundo tempo inteiro.*

Além da imprensa, a torcida também apresenta signos da emoção únicos e que refletem o estado de afetação emocional com o time. Um desses elementos são os cantos, presenciados pelo autor da pesquisa quando estava no estádio, e que foram cantados de forma intensa por todo o jogo. Seja o Hino do São Bento (cf. Anexo A) ou os cânticos de torcedores, como “Vamos subir, Bento”, “E ninguém cala esse nosso amor, e é por isso que eu canto assim, é por ti Bento” e outros mais.

Essas músicas, quando cantadas em coro pela torcida, em casa acompanhadas pelas baterias das torcidas organizadas, mas fora de casa apenas pelas cordas vocais de cada torcedor em harmonia, demonstram um apoio incondicional e uma tentativa de incentivar os jogadores a conseguirem conquistar os objetivos em uma partida, inclusive superando a própria torcida local, como aconteceu no Oeste x São Bento.

No lado inverso disso, o silêncio, por mais que momentâneo, pode expressar um símbolo de um momento de susto ou de incompreensão do que aconteceu em um dos momentos. Por exemplo, no gol perdido do Oeste, que saiu dos pés de Tite, o erro “inacreditável” fez a torcida

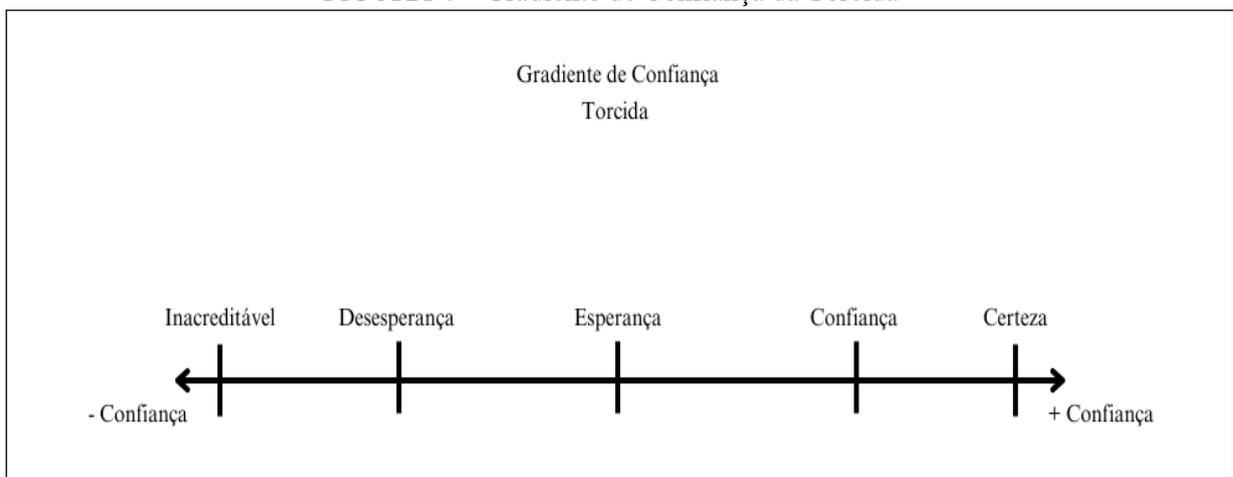
ficar por alguns instantes silenciosa, pela tensão sentida no momento do erro. Esse silêncio, por essa incompreensão, funciona como um momento antes da explosão da torcida no momento do erro.

Por fim, um dos signos presentes da torcida é a interação entre os torcedores que resultam no ato de torcer. Cantar músicas juntos, se reunir antes da partida, comentar a partida com o camarada de arquibancada são alguns dos exemplos mais corriqueiros, não apenas da própria intensidade da decisão. No entanto, nas explosões de emoção, como o gol perdido, em que a torcida vibrou junta uma suposta chance extra, ou no gol do São Bento, nos pênaltis defendidos e no momento do acesso, em que a torcida se abraçou, caiu de joelhos, chorou e comemorou com os amigos torcedores, seja presencialmente ou por ligação de telefone, as interações de uma paixão em comum por um clube se manifestam ainda mais, com a identificação de uma identidade cultural e social compartilhada entre pessoas de diversas origens que têm como coeficiente comum a paixão pela equipe alviceleste.

#### 4.3.2 *Gradiente de confiança*

O Gradiente de Confiança apresentado na Figura 4, a seguir, é uma das categorias afetivas observadas na análise da partida, e é aplicada em duas réguas para demonstrar a variabilidade dos índices: a confiança da torcida e a “moral” dos clubes. Ele é aplicado pela confiança e determinação que uma equipe em campo ou que torcedores na arquibancada tem em momentos específicos do jogo.

FIGURA 4 – Gradiente de Confiança da Torcida



Fonte: Elaborado pelo autor.

Ao explicar o Gradiente no contexto da torcida, avaliando o aspecto de “confiança” no seu sentido mais comum, ele pode ser estabelecido como ponto de medida da régua, em que

mais ou menos confiança pode impactar na maneira que um torcedor pode encarar uma partida de futebol.

Na representação, o ponto mais negativo é o “Inacreditável”, citando a reação do narrador ao ver o gol perdido do Oeste, considerado como um gol praticamente certo. Ao ver esse ponto, a confiança negativa gera cenários improváveis de “milagres” ou do “destino” reservar lances que não são críveis no primeiro momento que o torcedor presencia, seja em pessoa ou por meio da narração, utilizando do signo da emoção do silêncio como representativo dessa “impossibilidade” vista em uma partida, no ponto que o torcedor tem menos confiança que um resultado será revertido.

A segunda marca negativa é a “Desesperança”, ainda no mesmo lado negativo do inacreditável, em que o desespero e a ansiedade de ver um time não conseguindo reverter o resultado começam a ficar aparentes, gerando tais gatilhos de pensamentos negativo, partindo para reações, que serão tratadas em seguidas, negativas. No momento que o Oeste faz o gol, é possível notar essa desesperança momentânea pelo medo do clube não conseguir resolver a situação do campo e de que toda a jornada para ir ao estádio seria em vão.

O ponto médio dessa régua é a “Esperança”, que é o estado neutro de confiança de um torcedor, quando um clube está em uma situação de improbabilidade, mas que ainda tem a força de acreditar que um resultado negativo pode ser superado ou que um resultado positivo pode ser alcançado. É nesse ponto que a torcida canta, mesmo com situação desfavorável, e é possível interpretar o torcedor que canta como esperançoso que o clube irá superar o desafio e que seu canto é necessário para estimular os jogadores. A surpresa, depois do gol perdido do Oeste, com um “Bora, São Bento!”, como exclamação dessa esperança.

A “Confiança”, utilizada como medida e também ponto da régua, pode ser vista como um passo além da esperança quando torcedores estão firmes e confiam que o clube irá superar o desafio de uma partida decisória, por exemplo. Após o gol do São Bento, a confiança que o clube estaria em vantagem para a disputa de pênaltis pela “moral alta” dos jogadores alvicelestes e a queda brusca da moral dos jogadores do time de Barueri representam esse estado. As disputas de Zé Carlos nos pênaltis, depois da primeira defesa, garantiam a confiança que ele defenderia mais pênaltis, algo que se concretizou.

Por fim, a “Certeza” é o estado mais positivo da confiança, em que não apenas a confiança, mas a absoluta certeza que o clube iria subir de qualquer forma toma parte da torcida mais confiante, sendo “impossível” um cenário negativo nesse estado do gradiente. Após a segunda defesa do goleiro beneditino, muito dos torcedores já tinham tal certeza absoluta que o time iria conseguir o acesso. No entanto, há um paralelo do Gradiente de Confiança aplicada

aos clubes, como apresentado na Figura 5, a seguir, mais especificamente para os jogadores em campo.

FIGURA 5 – Gradiente de Confiança do Clube e Moral



Fonte: Elaborado pelo autor.

Nesse ponto, são divididos em três esses elementos presentes no gradiente que diz respeito a moral da equipe. No ponto de equilíbrio, a equipe, tanto individualmente quanto o coletivo de jogadores ou toda a estrutura em campo, está com o pensamento neutro, com sua moral e confiança tão altas para elevarem o jogo por sua força de vontade, mas também não estão negativos o suficiente para atrapalhar o resultado e a performance da partida. Importante notar que os elementos afetivos que modificam essa moral podem ser seguidos ou imediatos, criando uma gradual ou brusca mudança.

Já no ponto de “Moral Baixa”, o clube começa a ver com desesperança o estado atual do jogo, seja por um lance desfavorável, um gol tomado ou até um jogador expulso. Ao citar a situação da equipe do Oeste, é possível entender que a sequência de gol perdido que resolveria o jogo, gol tomado no final do segundo tempo após segurar o resultado por toda a partida e a expulsão do treinador em um momento de descontrole são agravantes e levam a um time que inicialmente tinha sua moral positiva, pelo gol no início da partida, a uma disputa de pênalti ruim, com os jogadores sem confiança e três cobranças desperdiçadas.

Já do outro lado, a “Moral Alta” é resultado de fatores positivos que levam o clube a estabelecer uma confiança maior dentro de campo, com melhores jogadas, melhores chances e possivelmente um gol como resultado de toda essa alta da moral. A equipe do São Bento, após um início de moral baixa, tem revertida a situação a partir do gol perdido, encarado como uma situação de possibilidade de uma chance para a equipe conseguir o gol e, após o gol, ter essa moral em seu estado maior para a disputa de pênaltis, com três pênaltis convertidos e apenas um mal batido, enquanto o goleiro fez três defesas complexas.

O que é importante frisar é o aspecto mutável do gradiente, em que situações podem mudar de forma gradual, como na constante tentativa do gol e da pressa gerada pelo relógio correr e o tempo ficar mais escasso, ou brusca, exemplificado pela transição afetiva no lance do gol perdido, em que tanto a torcida quanto os jogadores vão do ponto mais baixo de emoção, atingindo o Inacreditável, para o ponto de confiança repentina, que a torcida e o clube acreditam que tem mais uma chance de reverter o resultado de forma concreta, não de uma esperança neutra.

### ***4.3.3 Reações abruptas***

O aspecto da reação dentro das categorias afetivas é visível nos momentos-chave em que cada um dos elementos da tríade reage a partida formas diferentes e com emoções que vão desde a reação imediata do momento do gol, com a torcida gritando gol e apoiando mais e cantando mais alto. Os elementos do signo, como o canto e o silêncio são importantes nessa reação porque justamente traduzem de que forma emocional os torcedores irão reagir.

A imprensa, ao tentar estabelecer o ideário de “imparcialidade”, mesmo dentro de uma rádio local, pode quebrar esse ideário quando um momento-chave do jogo, como um gol decisivo, faz a reação do narrador e do comentarista serem visíveis, como uma relação afetiva de carinho e conexão com o clube, gritando o momento do gol não apenas como um protocolo de uma transmissão, mas também como uma exclamação de paixão. O grito de gol da transmissão quando o São Bento fez o gol aos 50 minutos do segundo tempo é muito diferente do grito de gol do Oeste no começo do jogo.

Os clubes também têm a sua reação a momentos do jogo, como uma “catimba” ou “malandragem” realizada pelos gandulas da equipe do Oeste sumindo com as bolas do jogo, impedindo a continuidade do jogo em uma tentativa de desaceleração e menos oportunidades possíveis para a equipe do São Bento, esforço que foi frustrado. Outro exemplo é a expulsão do técnico do Oeste Sérgio Lelé, que ao ser expulso com o cartão vermelho direto persegue o juiz em um ato de tentativa de agressão, sendo controlado pelos jogadores da própria equipe.

### ***4.3.4 Remição***

A categoria de remição, que vem do ato de remeter a alguma coisa, ou, nesse caso, a um elemento passado ao jogo, está presente na transmissão do jogo em vários momentos, também aliados a memória de um time, como frases que remetam ao clube, a torcida e a própria imprensa, que são abordados mais a frente, mas também a elementos presentes na história do futebol e também em sua cultura.

Um desses exemplos, de episódios similares, é utilizado quando Caio Rossini cita o gol perdido por Nilson na Copa do Brasil de 2015, que foi semelhante e estabelece uma relação de conhecimento e, se não existe o conhecimento prévio desse lance, tem-se a curiosidade de buscar sobre esse lance para provar se o gol era “mais ou menos perdido” do que a tentativa que acabou de acontecer. Outro elemento também utilizado é a relação com a cultura do futebol brasileiro, com elementos folclóricos e usuais, como a própria questão dos gandulas estarem sumindo com as bolas, ou com termos tradicionalmente voltados ao esporte bretão, como “canhota”, para chutes com a perna esquerda, ou “cria da base”, como termo conhecido para estabelecer alguém que jogou nas divisões formadoras dos clubes.

Já um terceiro ponto que pode ser abordado é a questão dos bordões identificados com o clube, utilizados por Nilson Duarte para estabelecer a conexão afetiva na comunicação com os ouvintes torcedores do São Bento, como a frase “NADA VEM FÁCIL PARA O SÃO BENTO”, estabelecida pelo fato do clube ter conquistado acessos em decisões decididas nos últimos momentos de uma partida, ou então com “TRADIÇÃO NÃO SE COMPRA”, frase citada anteriormente mas que remete a construção de uma identidade do clube para todas as partes da tríade e que se torna parte da tradição e memória de um clube.

#### ***4.3.5 Dinâmicas de tradição e memória***

Ao abordar um dos aspectos mais importantes para a construção de uma identidade comum da tríade a partir das interações sociais do afeto presentes na dimensão comunicacional, que é a Memória e a Tradição, é possível visualizar como esses dois elementos são construídos e utilizados dentro de uma partida.

Em uma racionalidade absoluta, uma pessoa escolheria um clube que têm o seu presente vencedor ou pela sua competitividade, algo quebrado pela lógica da tradição de um clube centenário, como o São Bento, que não é um clube competitivo o suficiente, seja por investimentos ou estrutura atual, para disputar a elite do futebol brasileiro, mas que ainda atrai torcedores que mantém uma relação afetiva com tal clube. A lembrança de um avô que torcia para o clube e passou para o seu filho, o pai, que continua a torcer pelo clube e ir ao estádio quase religiosamente e, por consequência, faz o filho ser tão fanático por ele.

As memórias ajudam a construir, além da personalidade de um indivíduo, fazem a construção de uma tradição de um clube e sua relação com o bairro, cidade ou região que se estabelece, criando e firmando raízes profundas em sua localidade. Tal tradição é valorizada por sua torcida, que mantém uma relação de fidelidade com a figura tradicional, quanto para o

clube, que mantém a fidelidade ao local e a imprensa, que atende a ambas demandas e estabelece a figura tradicional como meio de afetação.

Ao abordar a tradição em sua narração, Nilson Duarte cita a frase “TRADIÇÃO NÃO SE COMPRA”, e faz um paralelo de como o dinheiro pode comprar estrutura, jogadores e até vitórias, mas que a tradição formada pela relação do afeto não pode ser comprada ou monetizada de forma nenhuma, valorizando o São Bento como um time tradicional e que mantém essa tradição viva.

#### **4.3.6 “Panteasização”**

“Panteasização” é um termo desenvolvido nessa pesquisa para estabelecer a criação de heróis e ídolos de um momento específico da história de um clube pelos três elementos da tríade. “Panteasização” vem da palavra “Panteão”, termo da cultura grega como um templo aonde eram celebrados deuses e também ao conjunto de divindades de uma certa crença, com o sufixo ação. Nessa junção, a palavra se torna algo como “a ação de elevar alguém ao panteão”. Nesse caso, o panteão é o local no imaginário da tríade de um jogador chave para um momento decisivo de um clube.

O caso mais claro na partida e na transmissão é do goleiro Zé Carlos, que é chamado para a ação de ser herói repetidamente por Nilson Duarte, papel que, mesmo que não ouvindo o jogo, foi assumido pelo personagem, que defendeu três pênaltis e se tornou o herói do clube no momento de tensão da disputa de pênaltis. Pelo clube, que ele faz parte, ele se tornou herói pelas defesas e pelo acesso. Para a torcida, essa elevação a esse papel é lembrada em cantos e em conversas entre os torcedores pela ação do jogo. Na imprensa, o estabelecimento desse papel, no caso de herói, vai para a forma que o narrador ou jornalista estabelece como membro desse panteão.

#### **4.3.7 *Tecnicidades***

Por fim, os aspectos técnicos também fazem parte do afeto presente na dimensão comunicacional, por integração ao ato de torcer, comunicar ou jogar a partida, seja por problemas, como a queda de sinal no momento que Zé Carlos defende o quinto pênalti do Oeste e garante o acesso. Tal queda e consequente volta do sinal não foram ruídos para entender tal afeto, já que a emoção presente no signo da exclamação de Nilson Duarte não é atrapalhada por tal problema técnico.

Outro elemento digno de nota é como essa emoção da rádio poderia se perder em outros momentos em que não existiam gravações disponíveis ao público, como acontecem na

transmissão da rádio via internet, em que torcedores fora da área de uma emissora de rádio podem ouvir e pessoas podem reouvir os momentos, demonstrando a importância da evolução dos aparelhos e das técnicas. No entanto, uma figura ainda se mantém, ainda que atualizada, que é o “torcedor do radinho”, que agora se tornou o torcedor que utiliza o aparelho celular como receptor de rádio ou que acessa a transmissão online da partida para receber mais informações, além de sua própria visão, sobre a partida.

Um último ponto, dentro das técnicas, é a presença de registros fotográficos e de vídeo, que eternizam a emoção sentida no momento da partida, com o choro, a alegria, a exclamação passada por esses registros. As ligações, para outros torcedores que não estão presentes, ajudam a compartilhar tal afetação.

## 5 COMPLEXIFICAÇÃO DA DIMENSÃO COMUNICACIONAL DO AFETO

Ao sintetizar o processo de construção da pesquisa, é possível compreender como o foco central em abordar a questão da dimensão comunicacional do afeto dentro de uma transmissão radiofônica de um jogo de futebol foi trabalhada, a partir da conexão de uma rádio local, da torcida construída como uma comunidade cultural e a instituição de campo e de escritório de um time interiorano.

Nesse contexto, a partir da introdução ao tema, a pesquisa esclarece o papel da emoção e da conexão pessoal do autor com o Esporte Clube São Bento e com a partida do acesso da equipe sorocabana, por ter se deslocado para Barueri para ver a partida. Tal emoção, refletida em símbolos, ditos como signos, também refletem na tradição centenária do clube e sua conexão com a cidade. Nesse ponto, a conexão com a cidade é refletida na relação com os torcedores, identificados tanto com o time quanto a vivência local. Assim, estabelecemos a importância do afeto e de sua dimensão comunicacional para os três elementos tratados na pesquisa.

A partir desse ponto, é construído o símbolo encontrado no desenvolvimento da pesquisa, que é a figura da tríade torcida-clube-imprensa, que se conectam pela capacidade do afeto entre esses aspectos ao time de futebol. A torcida como os fãs do clube, que o apoiam em estádios e em suas casas e constroem uma cultura ao redor de tal clube, com canções, hinos, camisas e camaradas de arquibancada. O clube, como instituição de todos os níveis, desde os jogadores em campo, o técnico e seus auxiliares, médicos, massagistas e roupeiros, diretores e assessores, cargos de escritório, conselheiros e presidência, com o papel de manter viva a tradição por meio de times competitivos e da manutenção da existência do clube em seu local de origem. E por fim, a imprensa, no seu papel comunicativo de atender ao público ávido pela cobertura dos campeonatos, criando uma identificação por meio de bordões e da conexão com o público local para ser a fonte de informação mais próxima do clube possível, criando uma audiência fiel, que acompanha em seu cotidiano novas informações sobre o clube.

Então, ao citar tais fatores, o conteúdo se esmiúça com a história do futebol no Brasil e de como o desenvolvimento da modalidade gerou o cenário atual do esporte no cenário nacional e na formação de clubes centenários e ligados a história de cidades e bairros. No momento em que o esporte começa a se popularizar mais e mais no país, a imprensa esportiva se volta para a modalidade, com o desenvolvimento de crônica esportivas e da formação de colunas e jornais especializados no assunto.

Nesse mesmo período, o surgimento da rádio no cenário nacional e sua popularização criam uma forma instantânea de acompanhar as partidas, por meio da narração dos jogos, criando a figura do narrador esportivo, na década de 1920 e se consolidando ao longo dos anos,

com grandes nomes. E, nesse surgimento, as rádios locais, que acompanham os clubes das cidades também aparecem, com a conexão afetiva da torcida e desses clubes com os narradores.

Para então estruturar esse pensamento sobre a dimensão comunicacional do afeto, é então selecionado autores brasileiros que retratam o afeto dentro do pensamento comunicacional, com os três principais sendo Sodré, com as suas estratégias sensíveis dentro da mídia; Marcondes Filho e a importância da experiência por meio do metaporismo e a construção do indivíduo como uma rede complexa; e Braga, com o pensamento da comunicação como processo social, da escuta e do processo de análise a cada caso. Essa estruturação sobre o afeto na comunicação gera a conclusão inicial da pesquisa em pensar na mídia como utilizadora de estratégias sensíveis para afetar o seu público, mas que todos os elementos interativos presentes na tríade afetam um ao outro e fazem isso por meio de uma conexão não linear e que pode mudar de caso a caso, reforçando o aspecto de processo social, mas relevando uma forma de experiência metapórica.

Dessa forma, a pesquisa utiliza da base da análise cultural para entender como a construção dessa identidade local que gera o afeto dentro de suas dimensões comunicativas em todos os elementos da tríade observada. Ao utilizar essa metodologia, encontramos o caminho para entender como, em momentos específicos de uma transmissão esportiva em uma rádio, tal afeto é presente.

Ao contextualizar o cenário do Campeonato Paulista da Série A2 e na trajetória do São Bento, percebemos a construção da relação afetiva em relação ao torneio e como o clube passou por cada uma de suas fases, resultando em um jogo decisivo e com emoções acirradas. A partir disso, ao selecionar cinco momentos-chave e fazer a análise em três pontos, é perceptível como elementos da partida, vistos dentro do aspecto da tríade entre torcida, clube e imprensa, são construídos por meio dos bordões do narrador, do canto da torcida e da reação dos jogadores, entre outros. Cada um dos elementos é afetado por ações do outro e cada uma das partes desse triângulo têm seus modelos e seu papel dentro de cada aspecto. A emoção sentida pelo autor é um ponto chave para entender o papel desse afeto e como ele é forte em torcidas que não abandonam o clube.

Ao abordar a comunicação por meio da imprensa e de uma série de processos sociais, é ainda mais reforçado o elemento de interação e afetação da tríade com a partida decisiva, transparecendo uma série de classificações do afeto na dimensão comunicacional e que explicita a conexão entre todos. Todos vibram e choram em momentos decisivos, todos passam por momentos de confiança variados em uma partida, sem indiferença presente no ato de torcer ou no ato de comunicar.

No processo de pesquisa, desenvolvemos, afinal, uma forma de compreender os afetos do futebol na narração radiofônica a partir da análise dos cinco momentos aqui aprofundados em relação ao jogo como um todo. Para além da descrição e inferência sobre os referidos momentos, foram construídas algumas categorias afetivas, que não pretendem ser exaustivas sobre a questão, mas evidenciam como a dimensão comunicacional do afeto em uma narração radiofônica vai muito além da emoção individual e passa por questões que atravessam culturalmente o narrar, tais como os signos da emoção, diferentes níveis de confiança no jogo, reações abruptas do narrador, da torcida e dos agentes do clube, remições a outros momentos do futebol, dinâmicas de tradição e memória, atravessamentos de múltiplas técnicas e o reconhecimento de ídolos, que chamamos de “panteasização”.

Olhando os signos da emoção, percebemos como a pressa por um gol, o grito como exclamação de um sentimento intenso e o silêncio como aspecto da “inacreditabilidade” de um momento são aspectos presentes para toda a tríade clube-imprensa-torcida, já que sem o reforço de significação mobilizado por cada um desses atores, a narração do jogo não teria tamanho repertório e intensidade afetiva.

Notamos também que o nível de confiança no resultado possível do jogo está sempre sendo representado pelo narrador ou até mesmo construído por ele, já que a confiança que expressa tira suspiros dos ouvintes. Por isso, ilustramos que, por meio de um gradiente de confiança, é possível medir, de forma abstrata, como a torcida está reagindo a certos momentos, partindo da mais absoluta descrença, que resulta em momentos inacreditáveis, quase como elementos de uma força cósmica modificando o resultado do jogo, passando pela esperança de um resultado adverso a ser superado e da confiança que isso acontecerá até a mais absoluta certeza de qual será o resultado.

A reação de cada um dos atores sociais da tríade também é presente nesses momentos de virada de partida, com a torcida cantando para apoiar seu clube, a equipe da transmissão quebrando um ideal de imparcialidade em tais momentos, evidenciando a conexão com o time e até o próprio clube, com pequenas malandragens do futebol e momentos de revolta que resultam em uma explosão de emoções. São reações abruptas, não programadas, mas que revelam o afeto sendo construído no fazer do processo comunicacional.

Outro aspecto importante para a dimensão comunicacional do afeto foi a remiçao ou referenciação a momentos anteriores, sejam eles do próprio clube, como a marmelada para vingar o “jogo da marmelada”, a jogos de futebol, a sua cultura, como frases típicas da partida e de elementos que remetem ao clube, como hinos e frases identificadas com a torcida, como “Tradição não se compra”. Coisas que, comunicadas, são reiteradas e produzem sentido.

Outros aspectos se conectam com uma questão de suma importância para a pesquisa, tais como a memória como aspecto de afirmação de uma tradição do time, reafirmada pelo clube, com uma conexão ao universo local, de defesa de uma identidade própria. Tal identificação pode gerar o reconhecimento de ídolos locais, que chamamos aqui de “panteasização” de personagens da partida, os elevando à condição de heróis e protagonistas de épicos como a *Ilíada*. Por fim, o atravessamento de aspectos técnicos, sejam eles problemas, como interrupções, ou da evolução tecnológica, como as novas formas de acompanhar e reproduzir a narração, fazem o abraço desses elementos ficar ainda mais forte.

Nessa esteira, ao concluir a construção da pesquisa percebemos como é reforçado o afeto dentro da dimensão comunicacional enquanto um aspecto de forte importância para a conexão de diferentes elementos que parecem desconexos em primeiro momento, mas fazem parte de uma teia interacional da construção de processos sociais. Portanto, resultando na afetação de um ao outro de forma não linear, e que fazem a paixão por um time, em suas diversas maneiras, arder forte e a tradição não morrer, seja com qualquer valor monetário possível.

Ao analisar o panorama de mudanças presentes por todo o processo se relacionado ao autor, foi possível visualizar um aprofundamento, tanto na questão acadêmica, em que o estudo sobre a narração esportiva e as construções do afeto dentro da comunicação se expandiram de forma não esperada pelo autor, quanto na questão pessoal, em que fez a forma de ver a relação entre as três partes da tríade mudar.

## REFERÊNCIAS

BENTÃO Chopp - Movimento de Amigos. **Presente em Piracicaba**. 30 mar. 2022. Bandeira da Bentão Chopp com a frase “Tradição não se compra”. Facebook: @bentaochopp.

Disponível em:

<https://www.facebook.com/bentaochopp/photos/a.393017387524176/2165585226934041/>.

Acesso em: 30 maio 2023.

BERNARDO, Vinícius Martinez. **Esporte Clube São Bento: o esporte na cultura de uma cidade**. 2019. 104 f. TCC (Graduação) - Curso de Jornalismo, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2019. Disponível em:

<https://dspace.mackenzie.br/handle/10899/29467>. Acesso em: 04 jun. 2023.

BRAGA, J. L. Interação como contexto da Comunicação. **MATRIZES**, [S. l.], v. 6, n. 1-2, p. 25-42, 2012. DOI: 10.11606/issn.1982-8160.v6i1-2p25-42. Disponível em:

<https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/48048>. Acesso em: 4 jun. 2023.

CRUZEIRO FM. **A rádio**. [cruzeirofm.com.br](http://cruzeirofm.com.br). Disponível em:

<https://www.cruzeirofm.com.br/a-radio/>. Acesso em: 30 maio 2023.

ESPORTE CLUBE SÃO BENTO: **História**. Disponível em:

<https://ecsaobento.com.br/site/history.php>. Acesso em 30 maio 2023.

FEDERAÇÃO PAULISTA DE FUTEBOL: **Regulamento Específico do Campeonato Paulista de Futebol Profissional Primeira Divisão - Série A2 – 2022**. Disponível em

[https://futebolpaulista.com.br/Repositorio/Noticia/18499/18499\\_1.pdf](https://futebolpaulista.com.br/Repositorio/Noticia/18499/18499_1.pdf). Acesso em 30 maio 2023.

FEDERAÇÃO PAULISTA DE FUTEBOL: **Sobre o clube - Oeste**. Disponível em

<https://futebolpaulista.com.br/Clubes/OClube.aspx?IdClube=3307>. Acesso em 30 maio 2023.

FERREIRA, Thiago Emanuel. **Transformações de políticas e afetos no Brasil:**

contextualizando radicalmente o acontecimento junho de 2013 em fluxos audiovisuais. 2019. 278 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019. Disponível em:

<https://repositorio.ufba.br/handle/ri/29806>. Acesso em: 30 maio 2023.

FOLHA DE SÃO PAULO: **NOVELA: "JOGO DA MARMELADA" SERÁ JULGADO NO DIA 19**. São Paulo, 13/05/2008. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk1305200814.htm>. Acesso em 30 maio 2023.

GIAVONI, Guilherme: De Itápolis ou Barueri? Quem é o Oeste, time que briga pelo acesso à Série A. **ge.globo**, Barueri, 14/11/2017. Disponível em <https://ge.globo.com/sp/tem-esporte/futebol/times/oeste/noticia/de-itapolis-ou-barueri-quem-e-o-oeste-time-que-briga-pelo-acesso-a-serie-a.ghtml>. Acesso em 30 maio 2023.

GOMES, Itania Maria Mota; ANTUNES, Elton. Repensar a comunicação com Raymond Williams: estrutura de sentimento, tecnocultura e paisagens afetivas. **Galáxia (São Paulo)**, [S.L.], n. 1, p. 8-21, ago. 2019. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1982-25542019441755>. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/gal/a/s86pgZqpvh8n9D9ynknLXC/?lang=pt>. Acesso em: 30 maio 2023.

GLOBOESPORTE.COM: **Após erro bizarro, apresentação de Nilson "viraliza" em rede social.** São Paulo, 26/11/2023. Disponível em <https://globoesporte.globo.com/sp/santos-e-regiao/futebol/times/santos/noticia/2015/11/apos-erro-bizarro-apresentacao-de-nilson-viraliza-em-rede-social-video.html>. Acesso em 30 maio 2023.

GLOBOESPORTE.COM: **Após perder gol incrível, santista Nilson é cornetado pelo ex-clubes.** Sorocaba, 26/11/2023. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/sp/sorocaba/futebol/noticia/2015/11/apos-perder-gol-incrivel-santista-nilson-e-cornetado-pelo-ex-clubes.html>. Acesso em 30 maio 2023

GUIMARÃES, Carlos Gustavo Soeiro. O início da narração esportiva no rádio brasileiro: as Transmissões Pioneiras. In: RADDATZ, V. L. S. et al. **Rádio no Brasil: 100 anos de história em (re)construção.** Ijuí: Ed. Unijuí, 2020, p. 79 - 96.

JOGO COMPLETO: OESTE X SÃO BENTO | SEMIFINAL - VOLTA | PAULISTÃO A2 2022. Paulistão. 09/04/2022. 3h32min40s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=y3xvQxoWQ98&t=10752s>. Acesso em 30 maio 2023.

JORNAL CRUZEIRO DO SUL: **CAMPEÃO!**. Sorocaba, 23/02/1963. Disponível em <https://digital.jornalcruzeiro.com.br/pub/cruzeirodosul/?numero=16864#page/2>. Acesso em 30 maio 2023.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Até que ponto, de fato, nos comunicamos?** São Paulo: Paulus, 2007.

MARCONDES FILHO, Ciro. De repente, o prédio falou comigo. Anotações sobre experiências metapóricas em Teoria da Comunicação. In: **XX Encontro da Compós,** UFRGS, Porto Alegre, Julho-2011, p. 1-16.

OESTE X SÃO BENTO - AO VIVO. Cruzeiro FM. **Youtube.** 09/04/2022. 5h46min14s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=L9ZxaMOVnno&t=16544s>. Acesso em: 30/05/2023.

SCHINNER, Carlos Fernando. **Manual dos locutores esportivos:** como narrar futebol e outros esportes no rádio e na televisão. Panda Books, 2004.

SODRÉ, Muniz. **As estratégias sensíveis:** afeto, mídia e política. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Lógicas no futebol:** dimensões simbólicas de um esporte nacional. Tese de Doutorado em Antropologia. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2000.

UOL ESPORTE: **Brasil x Coreia: Globo registra maior audiência da Copa do Mundo 2022.** 05/12/2023. Disponível em <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/lancepress/2022/12/05/brasil-x-coreia-globo-registra-maior-audiencia-da-copa-do-mundo-2022.htm>. Acesso em 4 jun. 2023.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação.** 10. ed. Lisboa: Presença, 2009. 271 p.

**APÊNDICE A – TRANSCRIÇÃO DA TRANSMISSÃO DA RÁDIO CRUZEIRO FM  
DOS MOMENTOS DA PARTIDA**

**TRANSCRIÇÃO OESTE 1 X 1 SÃO BENTO (09/04/2022) – TRANSMISSÃO  
CRUZEIRO FM**

EQUIPE DO JORNAL:

APRESENTAÇÃO: Caio César

NARRAÇÃO: Nilson Duarte

REPORTAGENS: Caio Rossini

COMENTÁRIOS: Gustavo Gebaile

PLANTÃO ESPORTIVO: Juarez Morato

**TRANSCRIÇÃO 1: GOL DO OESTE**

MOMENTO DO VÍDEO: 2h04m11s – 2h05m20s

NILSON DUARTE: Bruno Lopes escorando para quem vem de trás, atenção, pintou cruzamento dentro da grande área, rabiscou, Léo (Ceará) puxou, perna direita, golaço. Gooool do Oeste! Novamente ele, Léo Ceará. Dominou a perna direita, foi pra cima da marcação, chapou no ângulo do goleiro Zé Carlos, ele tentou mas não alcançou. Anote o tempo do gol, amigo torcedor, na marca de 7, 7 do primeiro tempo. Saí o primeiro zero do placar na Arena Barueri. De novo ele, Léo Ceará fatal. O placar agora aponta, Oeste 1, São Bento 0, Rossini.

CAIO ROSSINI: E a bola viajava da esquerda pra direita, da direita pra esquerda pela área do São Bento e ninguém botava pra dentro ou nem tentava a finalização. Até que o cruzamento veio na segunda trave e o Léo Ceará dominou, estava marcado no mano (a mano) pelo Eliandro, que não fechar o embate. Um chute forte cruzado, no ângulo esquerdo do Zé Carlos, indefensável pro goleiro do São Bento. Mais um golaço do Léo Ceará. Léo Ceará marca, Oeste está na frente, 1 a 0.

JUAREZ MORATO: Vigésimo sexto gol do Oeste no Campeonato Paulista da Série A2, o quarto do Léo Ceará.

**TRANSCRIÇÃO 2: GOL PERDIDO DO OESTE**

MOMENTO DO VÍDEO: 3h42m38s – 3h43m23s

NILSON DUARTE: Vem Foguinho, toca lateralmente, fez o toque na bola dividida, atenção, tá toda aberta a zaga do São Bento, é o Tite, com o Zé Carlos, vai sair o gol do acesso. Ele rabiscou, a bola escapuliu, ele caiu. Inacreditável! Inacreditável! Inacreditável o gol que o Oeste perde! O Tite, a bola e o gol. Ele tropeça e cai, Rossini.

CAIO ROSSINI: A lá Nilson na Copa do Brasil jogando pelo Santos.

NILSON DUARTE: Pior!

CAIO ROSSINI: Pior ainda, porque ele tava no mano a mano, não tinha ninguém nem perto. E isso inflama a torcida do São Bento. Ele dribla o Zé Carlos, adianta a bola demais e, no que ele corre para tentar evitar a saída e botar a bola pra dentro sem goleiro, ele vai catando cavaco e cai de boca no chão. Bola vai pra fora, São Bento se salva, segue só 1 a 0 pro Oeste.

NILSON DUARTE: Bora São Bento!

### **TRANSCRIÇÃO 3: GOL DO SÃO BENTO**

MOMENTO DO VÍDEO: 3h54m09s – 3h54m55s

NILSON DUARTE: Vem comigo nessa, amigo torcedor, marca de 50, temos 3 minutos para o fim da partida. O São Bento tem cobrança de escanteio, Victor Bolt veio a meia altura, tira a defensiva, a sobra com Victor Bolt, capricha Bolt! Mais um cruzamento na área, de cabeça. VEM VIBRAR COMIGO AMIGO TORCEDOR! VEM VIBRAR COMIGO AMIGO TORCEDOR!

GUSTAVO GEBAILÉ (ao fundo): GOL! GOL! PORRA!

NILSON DUARTE: GOOOOOOOOOOOOL! É DO SÃO BENTO, É DO SÃO BENTO! NADA VEM FÁCIL PARA O SÃO BENTO! Pintou bola alçada na área, no segundo pau, no meio da bagunça! Eu não vi quem foi, me ajuda ai, Rossini!

CAIO ROSSINI: Serginho!

NILSON DUARTE: SERGINHO, FATAL! PRA GALERA DO SÃO BENTO FAZER A FESTA AQUI NA ARENA BARUERI! NA MARCA DE 50, 50 MINUTOS DESTE SEGUNDO TEMPO! A NOVINHA NA CASINHA DO OESTE! NADA VEM FÁCIL PARA O SÃO BENTO! O SÃO BENTO ESTÁ VIVO, AMIGO TORCEDOR! SERGINHO, FATAL! ANOTE O TEMPO DO GOL, CINQUENTA E UM DO SEGUNDO TEMPO, PRA GALERA DO SÃO BENTO CURTIR E COMPARTILHAR AQUI NA ARENA BARUERI E APRECIAR SEM MODERAÇÃO O PLACAR AGORA. O SONHO DO ACESSO CONTINUA VIVO, SERGINHO FATAL! A NOVINHA NA CASINHA DO OESTE, ROSSINI!

CAIO ROSSINI: Cruzamento na grande área, primeira trave, o Alan tira. Sobra pro Victor Bolt, ele ajeita com carinho e põe no meio da grande área, na primeira trave, Serginho sobe mais alto que todo mundo e como um centroavante, cabeceio forte, preciso. Fernando Henrique pula, não acha nada, a bola morre na bochecha da rede do lado direito do Fernando Henrique. O São Bento empata o jogo, o São Bento empata com Serginho! Tá um a um na Arena!

JUAREZ MORATO: Vigésimo quinto gol do São Bento no Campeonato Paulista da Série A2, o primeiro do Serginho!

#### **TRANSCRIÇÃO 4: DISPUTA DE PÊNALTIS OESTE 2X3 SÃO BENTO**

MOMENTO DO VÍDEO: 4h06m41s – 4h16m42s

CAIO ROSSINI: [...] É agora, Nilson! Valendo o acesso a disputa de pênaltis entre São Bento e Oeste.

NILSON DUARTE: Vai para a primeira cobrança, é o Rafael Luz. Vai caminhando, ele entrou no segundo tempo. Bora! Bora ser herói, Zé Carlos! Rafael Luz entrou, a bola vai ficar... Agora, quatro bolas, que esconderam durante todo o segundo tempo, estão posicionadas próximo a torcida do São Bento também. É um pedacinho do Walter Ribeiro (estádio de Sorocaba) aqui na Arena Barueri. Vai começar a decisão para a vaga na decisão e para a vaga na primeira divisão, amigo torcedor. No tempo normal, Oeste 1, São Bento também 1. Vai começar a cobrança dos pênaltis. Rafael Luz, ajeitou a bola, tá fora do lugar exato, tá um pouco a frente a bola. Se a arbitragem for detalhista, vai perceber, mas pelo jeito vai autorizar. O Rafael Luz tomou distância e encara o Zé Carlos. Bora ser herói, Zé Carlos! Sou mais você Zé Carlos! Já tá autorizado!

CAIO ROSSINI: Ih, a bola caiu no buraco. Tem um buraco onde vai bater o pênalti. Tem um buraco ali, Nilson.

NILSON DUARTE: Sozinha a bola caiu no buraco, por isso estava um pouquinho pra frente. E agora eu quero ver o que é que vão fazer. O Rafael Luz coloca a bola um pouco pra frente, tem que ver se a arbitragem vai deixar, por que isso aí é o pau que bate em Chico, vai bater em Francisco também. O buraco vai estar lá para os dois fazerem a cobrança. Ele coloca a bola um pouquinho pra frente. Rafael Luz de um lado, Zé Carlos do outro, próximos da torcida do São Bento. Bora ser herói, Zé Carlos! Autorizado, tomou distância, ele vem na perna direita, ele entrou no segundo tempo, a torcida do São Bento faz pressão. Autorizado, vem Rafael Luz, perna direita na bola, bateu pro gol. Zé Carlos! Zé Carlos! Pula no canto esquerdo, faz a defesa! O Oeste desperdiça a primeira cobrança, Rossini!

CAIO ROSSINI: E ele telegrafou demais o canto, até eu que não sou goleiro percebi que a bola ia para o canto esquerdo. Zé Carlos pulou um pouquinho antes, no que a bola saiu do pé do Rafael Luz, Zé Carlos já tava inteira nela. Defendeu e não deu nem rebote, bela defesa do Zé Carlos. O São Bento defende a primeira cobrança, Lucas Lima vem agora para o Azulão.

NILSON DUARTE: É a cria da base, marcou dois gols contra o XV de Piracicaba, marcou gols no início do campeonato também, no empate importante diante do Primavera de Indaiatuba. Toda a região metropolitana de Sorocaba com você nessa, para colocar o São Bento em vantagem. Capricha, Lucas Lima! Ele vem na perna direita, toma menos distância, encara o goleiro Fernando Henrique. Autorizado, vem o Lucas Lima, perna direita na bola, vem caminhando, perna direita, bateu pro gol, é gol! Gooooool do São Bento! Lucas Lima, camisa número oito, fatal! Deslocando o Fernando Henrique, Rossini!

CAIO ROSSINI: Fernando Henrique para a direita, Lucas Lima para a esquerda. Bola sem aparecer na foto o goleiro da equipe do Oeste. Bem batido, ele foi caminhando, esperou o goleiro do Oeste definir o canto e empurrou do outro. Zé Carlos vem agora para a defesa, eu não consigo ver quem é.

NILSON DUARTE: Léo Ceará.

CAIO ROSSINI: Léo Ceará, dez, vem na bola. Zé Carlos contra Léo Ceará, vai começar a segunda penalidade da sequência de cinco.

NILSON DUARTE: É o craque do time do Oeste, marcou dois belos gols nesse confronto, um em cada estádio. Mas agora, é ele de um lado e Zé Carlos do outro. Bora ser herói, Zé Carlos! Tomou pouca distância o Léo Ceará, autorizado, é mais um que vem na perna direita. Autorizado, Léo Ceará bateu. Zé Carlos! Zé Carlos! Zé Carlos! Canto esquerdo ele se joga na bola e defende mais uma, Rossini!

CAIO ROSSINI: E parece um repeteco da primeira penalidade. Léo Ceará telegrafou que bateria no canto esquerdo, o Zé Carlos foi muito bem. Pulou no canto esquerdo, espalmou a bola, segunda defesa do goleiro do São Bento. Até agora Oeste com 0% por cento de aproveitamento. Agora vem Serginho (pigarro), Serginho.

NILSON DUARTE: Se você está sim, imagina eu.

CAIO ROSSINI: Mas é um pigarrinho, é que eu não tomei água o segundo tempo inteiro. Serginho vem na bola, Fernando Henrique no gol, é o segundo pênalti da cobrança da sequência de cinco do Azulão.

NILSON DUARTE: Serginho, uma das melhores histórias desse elenco. Chegou no ano passado, recomeçou a carreira com a camisa do São Bento, começou muito bem o Campeonato Paulista da Série A2, sofreu uma lesão, fez falta. O momento em que o São Bento mais oscilou

na competição foi quando ele não pode estar em campo, antes de chegar até o Victor Bolt, que também entrou bem hoje. Vem o Serginho para a cobrança, autor do gol no tempo normal. Toma distância o Serginho. Capricha Serginho! De um lado Serginho, do outro lado Fernando Henrique, é mais um que vem com a perna direita. Já tá autorizado, encarou, vem Serginho, perna direita na bola, bateu pro gol, é gol! Gooooool do São Bento! Serginho camisa número 16, fatal! No ângulo do Fernando Henrique, é mais uma que ele não saiu no pênalti, Rossini!

CAIO ROSSINI: E o Serginho tá aí para mostrar que tem golaço de pênalti, né? A bola parecia que ia bater na forquilha, mas ela baixou um pouquinho antes de bater trave e morreu no ângulo. Um pênalti muito bem batido pelo Serginho. Vem para a cobrança, quem que é, Nilson?

NILSON DUARTE: Popó.

CAIO ROSSINI: Popó. Popó contra Zé Carlos. É, já pegou dois, vai começar a sequência de três, a terceira da sequência de cinco. O São Bento vence 2 a 0, Popó contra Zé Carlos.

NILSON DUARTE: Popó, é o grande craque do time do Oeste, o grande craque é o camisa número 9, terminou o jogo cansado. Bora ser herói, Zé Carlos! Vem o Popó, perna direita na bola, bateu, é gol. Gool do Oeste, Popó. É mais uma que quando saiu dava impressão que ia na lua, foi no alto. Essa não deu pro Zé Carlos, Rossini.

CAIO ROSSINI: Morreu na bochecha da rede, no lado direito. Bola alta, Zé Carlos pulou pra esquerda, Popó bateu na direita, bola no fundo da rede, marca Popó, tá 2 a 1 agora. Vem Victor Bolt, Victor Bolt vem na bola.

NILSON DUARTE: Victor Bolt é mais um que chegou no meio do campeonato, justamente pro lugar do Serginho, experiente Victor Bolt. É o primeiro canhoto que vem para a cobrança, Fernando Henrique catimba. O São Bento vence por enquanto por 2 a 1, pode colocar uma vantagem, continuar com 2 gols a frente o Azulão de Sorocaba

CAIO ROSSINI: Fernando Henrique vira agora para torcida do São Bento e fala “eu vou pegar, eu vou pegar, eu vou pegar”. Ele contra Victor Bolt.

NILSON DUARTE: Capricha, Victor Bolt! É o primeiro canhoto que vem para a cobrança, tomou distância. Ele vem com a perna canhota, se posiciona, vai Victor Bolt! Bateu, é gol! É gol! É gol! Gooooool do São Bento! Pega no fundo da rede, Fernando Henrique! Victor Bolt fatal! E o Fernando Henrique de novo errou o canto, Rossini.

CAIO ROSSINI: É, não saiu nem na foto. Fernando Henrique para a direita, agora ele se lamenta muito. Fernando Henrique para a direita, bola para a esquerda, é o terceiro gol da equipe do São Bento. Vem Diego Jussani agora, Diego Jussani vem para a bola para a quarta batida. Se o Jussani perder, acaba e o São Bento está com o acesso. Então vem Diego Jussani na bola, ele contra Zé Carlos, tá 3 a 1 para o São Bento. Zé Carlos já pode se tornar herói nessa batida.

NILSON DUARTE: Bora ser herói, Zé Carlos! Diego Jussani é o zagueirão, um dos pilares desse time do Oeste, da boa defesa do Oeste. Diego Jussani fez duas partidas fantásticas também na zaga do Oeste. O acesso pode pintar agora, amigo torcedor. Toma uma distância enorme Diego Jussani. Bora ser herói, Zé Carlos! Vem Jussani, autorizado, perna direita, ele vem pra bola, bateu, é gol. Gool do Oeste, Jussani. E o Zé Carlos acertou o canto, mas o Jussani bateu forte no canto. Tá 3 a 2, Rossini.

CAIO ROSSINI: 3 a 2. Forte, no canto direito, foi na bola, mas não conseguiu defender. Agora vem Foguinho. Se o Foguinho fizer, acaba. O São Bento abre 4 a 2 e só resta um pênalti de cada lado. Foguinho para a quarta cobrança de cinco, vem na bola ele contra Fernando Henrique.

NILSON DUARTE: Vem comigo nessa, amigo torcedor, sozinho eu não dou conta. Pode ser a bola do acesso. Foguinho, também chegou no meio do campeonato, chegou dando entrevista como se fosse ídolo há muito tempo. E pode cravar seu nome na história do São Bento. Capricha, Foguinho! Sou mais você, Foguinho! Ele toma distância, Fernando Henrique tenta a catimba. Vem comigo nessa, se o São Bento fizer, o São Bento sobe. Foguinho, autorizado, ele vem na bola canhota, se posiciona, capricha Foguinho! Perna direita, bateu pro gol, Fernando Henrique! Cai no canto esquerdo, espalma Fernando Henrique. O Oeste respira, Rossini.

CAIO ROSSINI: Bola forte, à meia altura, no canto esquerdo. Fernando Henrique foi bem, acertou o canto, apesar do chute forte, Fernando Henrique fez a defesa. E vamos para a última sequência de pênaltis, quem vem aí Nilson? Que você vê o número, eu não consigo.

NILSON DUARTE: Eu não sei quem vem, o Sérgio Motta saiu?

CAIO ROSSINI: Saiu, saiu.

NILSON DUARTE: Não sei quem vem. É o 17.

CAIO ROSSINI: 17, 17 entrou no segundo tempo.

NILSON DUARTE: Bruno Miguel.

CAIO ROSSINI: Bruno Miguel, para a última das cinco cobranças, ele contra Zé. Se o Zé Carlos pegar, acaba a cobrança de pênaltis. Vem para a cobrança o camisa número 17 do Grêmio, do Oeste Barueri, Bruno Miguel.

NILSON DUARTE: Bruno Miguel, entrou e pouco pegou na bola. Os jogadores do Oeste de joelhos, os jogadores do São Bento abraçados. O Bruno Miguel vem na perna direita. Bora ser herói Zé Carlos! Vem o Bruno Miguel, tomou pouca distância, se ele não fizer acaba. Vem o Bruno Miguel, já autorizado, perna direita na bola, bateu pro gol. ZÉ CARLOS! ZÉ CARLOS!  
(INTERRUPÇÃO NO SINAL)

**TRANSCRIÇÃO 5: DISPUTA DE PÊNALTIS OESTE 2X3 SÃO BENTO**

MOMENTO DO VÍDEO: 4h16m45s – 4h18m08s

(VOLTA SINAL)

NILSON DUARTE: O SÃO BENTO SUBIU, AMIGO TORCEDOR! ZÉ CARLOS! VEM SER HERÓI! RESPEITA A HISTÓRIA DO SÃO BENTO! RESPEITA A HISTÓRIA DO SÃO BENTO! ZÉ CARLOS! AVISA AI AMIGO TORCEDOR, O SÃO BENTO SUBIU! ZÉ CARLOS CAIU NO CANTO DIREITO, ESPALMA ZÉ CARLOS! EXPLODE A ARENA BARUERI! A TORCIDA DO SÃO BENTO FAZ A FESTA! AVISA AI AMIGO TORCEDOR, O SÃO BENTO É DE PRIMEIRA! ZÉ CARLOS” CAIU NO CANTO DIREITO! OS JOGADORES DO SÃO BENTO FAZEM A FESTA! OS JOGADORES DO OESTE SAEM CABISBAIXOS! E SABE O QUE EU DIGO, COMPRA-SE MUITA COISA NA HISTÓRIA DO FUTEBOL. COMPRA-SE ESTRUTURA, COMPRA-SE BONS TIMES, COMPRAM-SE ATÉ VITÓRIAS. MAS TRADIÇÃO NÃO SE COMPRA! E O SÃO BENTO É TRADICIONAL! O SÃO BENTO ESTÁ DE VOLTA, AMIGO TORCEDOR! O SÃO BENTO VOLTA PARA A PRIMEIRA DIVISÃO, DE MANEIRA HISTÓRICA, EMPATANDO O JOGO AOS 51 MINUTOS! E O COM ZÉ CARLOS! VEM SER HERÓI ZÉ CARLOS! LEMBRA DE 2008, O JOGO DA MARMELADA? EU VOU PASSAR PRO CAIO ROSSINI E VOU DIVIDIR AQUI COM O GUSTAVO GEBAILÉ, EU TROUXE UMA MARMELADA PRA NOSSA CABINE. A MARMELADA ESTÁ AQUI, ESTÁ VINGADO!

**ANEXO A – HINO DO ESPORTE CLUBE SÃO BENTO**

Gol sorocabano, vai ganhando Azulão...

Gente de tutano tricotando o balão...

Arte do bailado sobre as linhas de cal,  
ritmo exaltado, precisão genial!

Gol alvi-celeste ecoando no ar...

Quando bem fizeste  
ensinando a ganhar  
na emoção mais alta da porfia,  
no calor da simpatia  
de quem já te viu jogar.

Força e mocidade,  
glória da cidade...  
Que monumento  
É o meu querido São Bento  
de Sorocaba expansiva,  
em prol do esporte e do labor...

Salve a chama sempre viva,  
que me inspira, minha lira  
de torcedor!

Salve o afã beneditino,  
nossa História, mais um hino,  
meu imenso amor!